FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

KAROLINE BATTISTI SANTOS

CULTURA E TERRITÓRIO: NÚCLEO COMUNITÁRIO QUILOMBOLA DE SÃO PEDRO, IBIRAÇU/ES – UMA PROPOSTA PROJETUAL

ARACRUZ-ES
2018

KAROLINE BATTISTI SANTOS

CULTURA E TERRITÓRIO: NÚCLEO COMUNITÁRIO QUILOMBOLA DE SÃO PEDRO, IBIRAÇU/ES – UMA PROPOSTA PROJETUAL

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Prof. Dr. Gilton Luís Ferreira

ARACRUZ – ES
2018

KAROLINE BATTISTI SANTOS

CULTURA E TERRITÓRIO: NÚCLEO COMUNITÁRIO QUILOMBOLA DE SÃO PEDRO, IBIRAÇU/ES – UMA PROPOSTA PROJETUAL

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Dr. Gilton Luís Ferreira
Prof. Orientador
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Andréa Curtis Alvarenga
Prof. Orientador
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Erildo Fávaro
Arquiteto e Urbanista

Aracruz, 12 de novembro de 2018

RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa e coleta de dados relacionados ao tema que ajudaram a fundamentar o diagnóstico apresentando a importância da comunidade tradicional quilombola, o Quilombo São Pedro, com seu território situado na cidade de Ibiraçu/ES servindo como base de apoio e incentivo aos seus ancestrais e ainda hoje contribui para os seus remanescentes manterem a sua própria cultura e sua convivência com as comunidades externas. Relata também as dificuldades de vivência desse povo com a precariedade dos serviços e benfeitorias públicas que podem usufruir em seu local de habitação, como a falta de infraestrutura adequada às suas necessidades, serviços de saneamento e tecnologias de acesso à informação. A solução encontrada e apresentada se faz pela elaboração de um projeto que melhor atenda aos anseios dos seus moradores com um estudo de urbanização e um projeto arquitetônico de adequação ao estilo de vida próprio do quilombo valorizando a cultura, a agricultura familiar e de subsistência, bem como os produtos que os quilombolas podem oferecer a comunidade transformando em renda para suas famílias.

Palavras chave: Quilombo, Cultura, Território.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de Sertão. .....**Erro! Indicador não definido.**
Figura 2 - Área de intervenção ocupada pelo quilombo**Erro! Indicador não definido.**
Figura 3 – Princípios da Permacultura .....**Erro! Indicador não definido.**
Figura 4 - Sistemas de zona e lote zoneado .....**Erro! Indicador não definido.**
Figura 5 - Fluxograma de intenções projetuais. .....**Erro! Indicador não definido.**
Figura 6 - Localização do Município de Ibiraçu no Estado do Espírito Santo..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 7 - Localização do território do Quilombo São Pedro**Erro! Indicador não definido.**
Figura 8 - Território do Quilombo São Pedro em relação da sede de Ibiraçu ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 9 - Área implantação do Núcleo Comunitário Quilombola São Pedro..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 10 - Fluxograma de acesso e comunicação entre setores 60
Figura 11 - Ilustração - implantação 61
Figura 12 - Padaria e Casa de Farinha. 62
Figura 13 – Planta layout Padaria 63
Figura 14 - Ilustração - Padaria 63
Figura 15- Planta layout Casa de Farinha 64
Figura 16 - Ilustração – Casa de Farinha. 65
Figura 17 – Planta layout setor comercial mercado hortifrutti**Erro! Indicador não definido.**
Figura 18 - Ilustração – Mercado.....66
Figura 19 – planta Layout hospedagem tipo 1. 67
Figura 20 – Ilustração - Hospedagem. 68
Figura 21 – Planta de layout hospedagem tipo 2 68
Figura 22 - Planta de layout hospedagem tipo 3 69
Figura 23 – Ilustração - Conjunto de hospedagens.....70
Figura 24 – Ilustração – Restaurante café. 70
Figura 25 – Vista varanda restaurante. 71

Figura 26 – Ilustração - Conjunto de hospedagens e paisagismo.....72
Figura 27- Ilustração – edificações e seu entorno.....72

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Estradas e vias de acesso ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 02 - Ruas sem iluminação pública..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 03 - Esgoto lançado diretamente em afluente **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 04 - Estação de abastecimento de água..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 05 - Bomba responsável pelo bombeamento de água **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 06 - Descarte de resíduos sólios irregular... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 07 - Terreiro onde são realizadas atividaes de lazer **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 08 - Crianças brincando nos barracões..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 09 - Capela São Pedro..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 10 - Mulheres organizando a reza..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 11 - Dona Tereza e Senhor jaci, rainha e rei do congo **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 12 - Casa de madeira..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 13 - Casa de estuque..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 14 - Casa em alvenaria ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 15 - Residência e eletrodomésticos ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 16 - Quitungo e produção de farinha..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 17 - Lavoura e colheita do café ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 18 - Produção de farinha..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 19 - Produção de beiju ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 20 - Secagem do feijão ..... **Erro! Indicador não definido.**
Fotografia 21 - Colheita da banana. ..... **Erro! Indicador não definido.**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICA ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2.1 BREVE HISTÓRICO ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.2 CONCEITOS ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.3 CONCEITOS DE CULTURA E MEMÓRIA ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.4 PROCESSOS DE FORMAÇÃO TERRITORIAL QUILOMBOLAS NO BRASIL ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.5 A RELAÇÃO ESPAÇO X LUGAR ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.6 MEMÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.7 ARQUITETURA HUMANIZADA ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
2.8 PERMACULTURA ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

3 ANÁLISE COMPARATIVA ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

3.1 QUILOMBO MORMAÇA ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
3.1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO DO QUILOMBO MORMAÇA E O QUILOMBO SÃO PEDRO. ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

4.1 LOCALIZAÇÃO ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
4.3 A ORIGEM DA COMUNIDADE ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
4.4 INFRA-ESTRUTURA E DADOS ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
4.4.1 Estradas e vias de acesso ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.2 Transporte ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.3 Iluminação Pública ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.4 Esgoto ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.5 Água e abastecimento ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.6 Lixo ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.7 Saúde ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.8 Espaços públicos e lazer ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.9 Religião e cultura ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.10 Moradias e habitação ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.11 Segurança pública ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.12 Turismo ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.13 Correios ..... **Erro! Indicador não definido.**
4.4.14 Educação ..... **Erro! Indicador não definido.**

4.5 LEVANTAMENTO SÓCIO ECONÔMICO..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
4.5.1 Dados dos integrantes da comunidade.....**Erro! Indicador não definido.**
4.5.2 Bens e utensílios domésticos.....**Erro! Indicador não definido.**
4.5.3 Telecomunicação .....**Erro! Indicador não definido.**
4.5.4 Comunicações e internet.....**Erro! Indicador não definido.**
4.5.5 Paisagem local .....**Erro! Indicador não definido.**

5.1 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS. ..... **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**
5.1.1 Sobre o plantio das roças.....**Erro! Indicador não definido.**

6 PROPOSTA 55

6.1 DIRETRIZES ESPECÍFICAS 55
6.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES 57
6.3 DIRETRIZES GERAIS 59
6.4 ESTUDO PRELIMINAR.....60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....74

1 INTRODUÇÃO

A questão quilombola vem se desenvolvendo no Brasil desde o período pós-abolição até os dias de hoje. O antropólogo José Maurício Arruti (2006), com o propósito de entender os processos de formação territorial dos Quilombolas, esclarece os desdobramentos sobre os modos de formação desses povos no Brasil, em seu livro “Mocambo”. (ARRUTI apud BELLE, 2014)

Arruti (2006) argumenta que compreender os processos de desenvolvimento dos direitos distintos dos grupos étnicos que foram criados na forja da história colonial, excluídos e menosprezados na construção da nação e ressurgidos nas circunstâncias de uma época onde inúmeras culturas se disseminavam no final do século XX, é o maior desafio dos cientistas e estudiosos sociais. Ainda segundo o autor, é imprescindível entender os desdobramentos dos processos de lutas dessas comunidades tradicionais, para que seja possível intervir de forma mais coerente. (ARRUTI apud BELLE, 2014)

Segundo Campos (2016), as terras de quilombos são territórios étnicos-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regulamentação fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

Este trabalho tem o olhar direcionado para o município de Ibiraçu, no estado do Espírito Santo, mais precisamente para a comunidade rural de São Pedro, onde se localizam remanescentes de um Quilombo.

Tendo em vista que, as comunidades quilombolas sofrem com a dificuldade de organização territorial devido aos seus processos de formação. O problema que motivou a pesquisa foi quais as diretrizes necessárias para planejar o ordenamento territorial do Quilombo, considerando os aspectos socioculturais da comunidade.

Neste sentido o trabalho teve como objetivo analisar os aspectos socioculturais de uma comunidade tradicional e especificar as diretrizes necessárias para elaborar uma proposta de planejamento territorial do Quilombo São Pedro em Ibiraçu/ES.

A pesquisa preocupou-se em tentar captar as características socioculturais da comunidade, com relevância para os aspectos que destacam os modos de vida do campo, a busca de tornar o espaço de morar e produzir interligados, possibilitando melhorias na qualidade de vida da população local.

Por tanto, o desenvolvimento do trabalho final, se fez em quatro etapas distintas. No primeiro capítulo, com embasamento nas pesquisas bibliográficas e revisão de literatura realizadas para aprofundamento do tema proposto, foram apresentados os fatos históricos marcantes e apontados os principais conceitos que nortearam o estudo.

No segundo capítulo, foi identificado e analisado, experiências e projetos similares já implantados que apresentaram as mesmas questões abordadas neste trabalho, contribuindo, assim, com o desenvolvimento desta pesquisa como uma base prática por meio de processo demonstrativo.

O terceiro capítulo foi desenvolvido através de visitas de campo para diagnosticar a área de intervenção. Foram coletadas informações sobre os componentes históricos e socioculturais da comunidade e caracterização física do sítio histórico da Comunidade São Pedro, juntamente com os elementos da organização espacial da comunidade e a sua possível relação com a ancestralidade africana. Também foram levantadas as tipologias habitacionais existentes, desde as técnicas tradicionais até aquelas que apresentam alterações em seus elementos construtivos originais.

Por fim, no quarto capítulo, encontram-se as diretrizes definidas e elaboradas a fim de atingir os objetivos deste trabalho. A intenção foi propor diretrizes à comunidade, a partir da base conceitual, dos estudos de caso, e dos diagnósticos realizados. Junto com as diretrizes foi elaborada uma proposta

projetual, com a finalidade de ilustrar e representar a proposta de uma nova configuração territorial.

O motivo dessa pesquisa foi o contato com as comunidades rurais do município de Ibiraçu, no estado do Espírito Santo, durante o estágio supervisionado na SEMGES – Secretaria Municipal de Gestão Estratégica da Prefeitura Municipal.

Foram identificadas 15 comunidades rurais no município, algumas se destacam por apresentarem aspectos relacionados à questão de fragilidade socioeconômica.

Direcionando o olhar mais precisamente para a Comunidade de São Pedro, constituída por remanescentes de um Quilombo, por meio de pesquisas e visitas de campo, conversas e reuniões com os moradores, foi observado e evidenciado que existe uma vulnerabilidade socioeconômica e uma carência de visibilidade social muito grande. A comunidade de São Pedro é uma das muitas comunidades Quilombolas existentes no Brasil, e foi o primeiro território quilombola do estado a conseguir a regularização de suas terras, onde por muitos anos lutaram por essa conquista.

2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados alguns conceitos relevantes a temática escolhida, que envolvem desde a contextualização da origem dos Quilombos no Brasil, as mais importantes definições que permeiam as questões de territórios étnico-raciais, até arquitetura humanizada e sustentável para intervir com mais coerência quando se trata de uma comunidade tradicional, na busca por aprofundar o estudo e fundamentar a proposta.

2.1 BREVE HISTÓRICO

O termo “quilombo” ainda está marcadamente identificado como algo do passado – local de refúgio e resistência de negros fugidos da escravidão, dizendo respeito, portanto, a situações que já estariam superadas pela Lei da Abolição da Escravatura, de maio de 1888. Por meio dessa lei, institucionalmente pôs-se fim ao regime de trabalho escravo, ao qual foram submetidos, durante mais de três séculos, os negros trazidos da África e os seus descendentes nascidos no Brasil. (ESPÍRITO SANTO, 2011, pág.01) direta longa

Ainda segundo (ESPÍRITO SANTO, 2011, pág.01) fenômeno do agrupamento de escravos fugidos, em locais estrategicamente isolados e distantes, de difícil acesso, foi responsável pelo surgimento de inúmeras comunidades que, espalhadas pelo Brasil afora, perduraram, configuradas hoje como rurais ou urbanas. Organizadas inicialmente em torno da sobrevivência, praticando as atividades de subsistência da agricultura e pecuária, algumas cresceram, tornando-se vilas e povoados, tendo diversificado suas atividades econômicas e produtivas. Mas, muitas mantiveram um acentuado grau de isolamento, o que contribuiu para a preservação de hábitos e práticas culturais próprias, conservados pela pouca interação com outros grupos, reforçando a sua caracterização como populações tradicionais.

São definidos como, remanescentes de quilombo, grupos étnicos-raciais que criaram sua própria história e com descendência negra e tem relação direta com a resistência à violência e dominação históricas sofridas com o decorrer do tempo. É definido também como uma sociedade relevante no meio rural brasileiro, dando novo significado ao termo comunidade negra rural e terras de preto. No geral, tem por definição como o local de abrigo e resistência de negros fugidos da escravidão (ESPÍRITO SANTO, 2011).

A Constituição Federal (1988) garante o direito às terras ocupadas pelas comunidades Quilombolas através da seguinte redação:

> ART 68. Aos remanescentes das comunidades de Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1988).

Entretanto, foi apenas em 2003, com o Decreto Federal n° 4.887 que foi regulamentado o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras, ocupadas por remanescentes das comunidades dos Quilombos. A partir do Decreto nº 4883 de 2003 ficou transferida do Ministério da Cultura para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA a competência para a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos Quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações.

De acordo com Espírito Santo, 2011:

> A luta dos negros, escravos e seus descendentes desde os tempos da escravidão até os dias de hoje é uma realidade, por sofrer uma forte contradição, mesmo com a Lei da Abolição da Escravatura, 1888, que decretava o fim do trabalho escravo e a libertação propriamente dita, onde ao contrário originou uma condição de inferioridade que lhes foi imposta. Sendo que não se seguiram medidas compensatórias e reparadoras da desigualdade que se estabeleceu até então e que configurou profunda e estruturalmente a sociedade brasileira.

2.2 CONCEITOS

No percurso deste trabalho, que aborda uma proposta de valorização cultural e territorial em uma comunidade tradicional quilombola, há uma forte relevância em conceitos relacionados a questão sócio cultural e dos desdobramentos dos processos de formação desses povos.

Em relação a conexão da temática quilombola e a questão da escravidão, segundo (ANJOS, 2006), um dos acontecimentos históricos que mais marcaram e influenciaram a organização sócio espacial do Brasil foi o período da escravidão dos negros.

Ainda segundo (Anjos, 2006) a escravidão foi adotada no Brasil a partir do período do descobrimento do Brasil, no ano de 1500 e durou até 1888 com a Lei Áurea que libertou todo povo da escravidão.

Os senhores de engenho recebiam os negros vindos da África para servirem de mão de obra escrava em plantações de cana-de-açúcar, e na mineração, onde os mesmos eram forçados a trabalhar por nenhum salário e baixas condições de humanidade.

Ao longo do tempo os negros escravizados se rebelaram contra essas práticas, fugindo para florestas em busca de abrigo e proteção, deste modo, os negros começaram a se organizar em sociedades, denominadas Quilombos (MARTINS, 1990).

Tendo isso em vista, como a caracterização dos princípios da desigualdade social e racial no Brasil, surgindo uma segregação onde de um lado os proprietários de terras, que possuíam atribuições e benefícios, e do outro o bando de negros africanos em cativeiro, que eram forçados a trabalhar desprovidos dos meios de produção (MARTINS apud ANJOS, 1990).

Neste sentido, o termo Quilombo tem por definição como o local de abrigo e resistência de negros fugidos da escravidão (ESPÍRITO SANTO, 2011).

Segundo a Lei da Abolição da Escravatura, de maio de 1888, onde por meio dessa lei as situações de hostilidade sofrido pelos escravos, já haviam sido superadas, e institucionalmente pôs-se fim ao regime de trabalho escravo, ao qual foram submetidos, durante mais de três séculos, os negros trazidos da África e os seus descendentes nascidos no Brasil (ESPÍRITO SANTO, 2011).

A memória tem relação direta com o passado, complementando o presente, escolhendo o que será rememorado baseando-se nas lembranças e nos esquecimentos, sendo afirmada também por ser um lugar de pertencimento, uma memória comum. (AMORIM, 2012, p.109). Porém no caso de edificações e quaisquer referências de posicionamento local, como ruas, calçadas, praças, agem de forma distinta conseguindo representar um grupo de pessoas e criar uma memória coletiva.

Juhani Pallasmaa (2011, p.11), arquiteto finlandês sobre o conceito de arquitetura de extrema sensibilidade: “A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade pessoal; ela não nos faz habitar mundos de mera artificialidade e fantasia”.

As lembranças se apresentam de duas maneiras, como sendo individuais ou como coletivas. Memórias individuais fazem parte da personalidade ou da vida pessoal do indivíduo, as memórias coletivas são as da sociedade, impessoais, diz Maurice Halbwachs (2006). O autor destaca que a memória de uma sociedade não excede a fronteira do grupo. Ela retém do passado tão-somente o que ainda está vivo ou o que é capaz de viver do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 102). As memórias individuais e as coletivas, se completam, a memória individual engloba e compreende todas as contribuições extrínsecas dadas pela memória coletiva, em cooperação para ocupar possíveis falhas e retomar as lembranças individuais mais definidas e verdadeiras. Sendo assim a memória individual é influenciada pela coletiva, porque,

> [...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de

> referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Memória e história se misturam com frequência, porém são completamente opostos. Segundo Nora (1993), a memória é a vida, ao passo que a história é reconstrução do que já passou e não existe mais. Reconstrução que é sempre incompleta e por isso problemática. De sua parte, a memória é atual, é um elo vivido no eterno presente (NORA, 1993).

Joel Candau (2011, p. 10) nos diz que se admite “geralmente que memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas”. Isto posto, objetos patrimoniais que geralmente são representados como marcos e devem ser adequados a conservação e valorização, uma vez que representam a identidade de um grupo. Sobre o indivíduo diz:

> [...] identidade pode ser um estado [...] meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço, etc. – uma representação – eu tenho uma idéia de quem eu sou – e um conceito, o de identidade individual, muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais. (CANDAU, 2011, p. 25).

No livro identidade cultural na pós-modernidade (Stuart Hall, 2006), sobre identidade cultural, diz-se do indivíduo contemporâneo um individualista: ser consigo mesmo e o carrega pelo longo da vida, mantendo sempre a sua essência inicial ao passar do tempo.Ainda sobre esse conceito, a identidade preenche o vazio entre o interior e o exterior. Assim, deixa-se de lado a percepção do ser como um indivíduo fechado em si mesmo. Porém, segundo Hall (2006, p. 11-12), o sujeito ainda tem um cerne ou essência interior que é o “eu real”, porém este é construído e alterado num diálogo contínuo com os universos culturais “exteriores” e as identificações que esses mundos oferecem. A identidade, em termos sociológicos, preenche o vão entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público.

Logo, as considerações de Hall diferem das de Candau, ao afirmar ser a identidade algo provisório, que está em contínua construção e passando por processos de mudanças. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno, segundo Hall (2006, p.12), é fruto de um processo que não contém uma identidade própria:

> [...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Na concepção de Hall (2006), a identidade torna-se mutável. Ela é transformada continuamente em face das formas como somos interpretados ou representados no sistema cultural em que estamos inseridos. A história é que a define. Portanto, o sujeito pode ter sua identidade alterada, dependendo do meio no qual esteja inserido. E assim dentro de cada um de nós há diferentes identidades que podem vir à tona, conforme a situação em que nos encontramos (HALL, 2006, p. 13).

Segundo Candau, a identidade é uma representação (2011, p. 25) e está indissoluvelmente ligada à memória (2011, p. 10). Por conseguinte, objetos patrimoniais que geralmente são descritos como marcos devem ser cabíveis de conservação e valorização, visto que representam a identidade de um grupo. Quando se ouvem depoimentos de antigos moradores do bairro revive-se o que estes estão descrevendo. A mente é transportada para aquelas recordações, como um leitor ao sentir as emoções descritas em um livro.

Entretanto, segundo os estudos de Halbwachs (2006, p. 77), “não há, na memória, vazio absoluto”. Com isso se entende que a memória consegue suprimir os vazios deixados pelas lembranças e responder às interrupções, falhas ou

esquecimentos existentes. Sendo assim, é possível recriar até memórias que não pertençam ao indivíduo que as compartilha.

A questão conturbada reside no fato de memória e história serem opostas por essência. A memória se encaixa nesse misto de relatos e sensações, em que o sentimento tem mais espaço e então deixa enevoada a realidade “nua e crua”, criando sempre uma aparente verdade coesa e sem “furos” de informação. Mas a história, não. Ela reconstrói o passado, selecionando quais dados serão oportunos a tal reconstrução. Por esse motivo, Nora (1993) diz que, se fôssemos depender apenas da história como meio de conhecer o passado, saberíamos apenas fragmentos sobre os acontecimentos das sociedades tradicionais.

2.3 CONCEITOS DE CULTURA E MEMÓRIA

O termo “cultura” conforme Ferreira (2001) entende-se como o complexo de padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. Todavia, definir de fato o que a palavra “cultura” significa em toda sua complexidade é um trabalho árduo.

Para Marcellino (1998), cultura é vista como um “conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve”. A produção cultural é vista desde o início da história humana: a arte rupestre feita como forma de representar a realidade vivida, de identificar elementos do cotidiano, de modo a lembrar do momento vivido. Posteriormente, conforme a evolução da espécie humana, tem-se, por consequência, o aumento da produção cultural: gregos, romanos, egípcios, hebreus, todos os povos e épocas marcados por determinadas características, tradições, valores e pensamentos, que juntos determinam a identidade de cada momento da humanidade.

É importante, portanto, correlacionar cultura com identidade já que a experiência do homem em sociedade gera a produção cultural: a vida em grupo e as relações humanas favorecem a criatividade e a inovação, movidas pela necessidade

humana de evoluir enquanto espécie. Dessa evolução origina-se, pois, a cultura: “a cultura está ligada à experiência. Só existe cultura, realmente, quando vivemos estas determinadas experiências, quando nosso cotidiano é pensado” (BOSI apud BARATTO, 2015).

Em relação à memória, sobretudo a memória histórica, sabe-se que esta

> [...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é, também, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa e de um grupo em sua reconstrução (POLLAK, 1992, p. 204).

Ainda, segundo Batista (2012), “o resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo” (BATISTA, 2012, p.31) pois é de fundamental importância valorizar e buscar as origens sociais, o âmago da sua história. Associa-se, portanto, cultura à memória e, por consequência, ambos à identidade, conforme Wehling (2012) pois “a memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade” (WEHLING apud PINTO et. al., 2012, p.93). Portanto, a vinculação entre a memória e a cultura é uma condição indispensável para os estudos de identidade cultural na cidade.

Entendendo a cultura como fruto das relações humanas, nota-se nas cidades e nos espaços públicos nela inseridos como locais de reflexo ou reprodução dessas relações, tal qual o meio físico pelo qual as “ondas sociais” se propagam, pois, “o espaço público tem que nos dizer não somente onde estamos geograficamente, mas também onde estamos em nossa cultura” (KUNSTTER, 2004).

2.4 PROCESSOS DE FORMAÇÃO TERRITORIAL QUILOMBOLAS NO BRASIL

(ESPÍRITO SANTO, 2011), discute a respeito dos processos de formação das comunidades Quilombolas no Brasil. E aborda a questão de que a formação das inúmeras comunidades, sejam elas atualmente configuradas como rurais ou urbanas, ocorreram com o fenômeno do agrupamento dos escravos fugidos em

locais estrategicamente isolados e distantes, de difícil acesso. No início foram organizadas em torno da sobrevivência, praticando as atividades de subsistência da agricultura e pecuária, devido a diversidade de suas atividades econômicas e produtivas, algumas cresceram, tornando-se vilas e povoados (ESPÍRITO SANTO, 2011).

Muitas permaneceram isoladas, o que contribuiu para a preservação dos seus hábitos e práticas culturais, devido à pouca interação com os demais grupos, sendo assim caracterizadas como populações tradicionais (ESPÍRITO SANTO, 2011).

2.5 A RELAÇÃO ESPAÇO X LUGAR

A relação espaço e lugar é um eixo fundamental a ser compreendido, para o desenvolvimento de estudos de ordenamento territorial. De acordo com (Menezes, 2011) onde diz que as interações estabelecidas entre o grupo social e o espaço onde este se assenta são relações dialéticas, ao qual a construção de um dialoga com a constituição do outro e que, segundo PELLEGRINO (1981, p.186), “o espaço é produto e produtor das relações sociais, ao que se pode inferir que as práticas sociais de uso, apropriação e percepção enunciam representações do mesmo”. Deste modo, o sentimento de pertencimento, frente aos valores e conteúdos específicos e à realidade histórico-cultural própria dos quilombolas, faz com que esse contexto reflita na sua identidade e possibilita que ele se reconheça enquanto indivíduo quilombola, pertencente a um conjunto maior, à cultura quilombola.

Tuan (2012), menciona que a experiência é constituída de sentimento e pensamento, e o lugar pode alcançar um significado especial a partir do contínuo aumento de sentimento com o passar do tempo. Sendo assim, promove a capacidade de aprender que o sentimento de pertencer a um espaço e um lugar, juntamente, pode se construir a partir da própria vivência, portanto, através do local que vivemos em nossa infância, da rua, da praça, do bairro, da cidade e do país onde nascemos e crescemos, das pessoas que fizeram parte dos processos de nossa vida, dos encontros e desencontros, etc.

Tuan (2012) diz ainda que são tais momentos de vivência, de cultura, que influenciam e que fazem parte da história de vida de cada indivíduo, são os sentimentos que traçam a consciência sobre as coisas ao redor, essas que exercem grande influência na interpretação do meio em que se vive do lugar. Nesse sentido, o ambiente onde cada indivíduo se insere, agrega significados mais ou menos significantes a partir dos sentimentos desenvolvidos com cada experiência, é tocar, fazer parte e ser tocado sentimentalmente pelo que está ao nosso redor.

Considerando as reflexões mencionadas, compreende-se que a construção do significado de lugar para um indivíduo envolve a relação de intimidade que este estabelece com uma parte do espaço, onde são manifestados sentimentos e histórias de interpretação exclusiva, desde as experiências vividas no local em questão. O mesmo acontece quando o espaço se modifica em lugar, à medida que este adquire definição e significado, é o lugar como escala geográfica (TUAN, 2013).

A definição de território, profundamente associada à de espaço, tem sido indispensável para as reflexões teóricas. Nessa má concepção, Raffestin (1993) apresenta importantes contribuições, ao conceituar o território enquanto uma fração do espaço definida a partir de relações de poder. Segundo o autor, “o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o autor territorializa o espaço” (RAFFESTIN, pág. 143, 1993)

2.6 MEMÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA

A memória coletiva se configura na estrutura organizacional da comunidade quilombola, estabelecendo-se como elemento primordial da tradição, das lembranças e das histórias do conjunto, já que são inseridas nas interações sociais cotidianas. A partir dessa concepção, iniciamos a compreensão em relação a definição da construção da identidade étnica, especialmente dos remanescentes de quilombos, a qual dedicamos foco nesta pesquisa, a partir de dois aspectos de organização. O primeiro se apoia na conceituação de identidade étnica e passa pela preservação da memória coletiva dos quilombolas (HALBWACHS, 1990).

O segundo aspecto, estruturante da identidade étnica, se refere ao pertencimento à comunidade quilombola. Quando conectamos a identidade ao pertencimento firmamos de que ela também se apoia na história e na cultura dessa população. Logo,

> o pertencimento, a origem, as crenças dos quilombolas não devem ser vistas como algo fixo, estático e permanente, pelo contrário, há elementos de grandiosidade, movimento e de reocupações dos sujeitos no interior da comunidade. E, a importância de pesquisar esses dois aspectos como fundadores da identidade étnica se fundamenta a partir da possibilidade de conectá-los ao processo de reconhecimento (GOHN, 2008).

2.7 ARQUITETURA HUMANIZADA

Visando uma aproximação da temática quilombola, foram analisados textos de caráter antropológico. Em virtude da temática, sentiu-se a necessidade de basear a análise e a busca de dados partindo de estratégias de pesquisa etnográfica.

Deste modo, a princípio procurou-se sensibilizar o olhar para entender e respeitar as diferentes realidades. Dando continuidade, foram estudados textos que apresentavam também a temática de intervenções arquitetônicas em comunidades quilombolas.

As referências trabalhadas durante a pesquisa proporcionaram a conexão entre as discordâncias arquitetônicas e antropológicas, como no texto “Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo? ”, de autoria do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1980), que reforça o papel social do arquiteto junto às comunidades, sendo que o princípio de uma arquitetura coerente é que ela seja pensada e produzida para pessoas. No texto o autor traz à tona a responsabilidade do arquiteto em influenciar a vida das pessoas ao intervir nos espaços. Um dos conceitos principais da arquitetura é produzir uma arquitetura humanizada, na escala das pessoas.

O Arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, construiu a sua carreira com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana e é um dos grandes profissionais e pesquisadores da área que disseminam a idéia de uma cidade mais humana, pensada para todos.

Gehl, em entrevista ao site “Um Brasil”, explica o conceito de seu livro “Cidades para pessoas”, cita Brasília como um modelo ruim de planejamento urbano, dizendo que a cidade foi construída sem pensar nas pessoas que viveriam lá, além de beneficiar a cultura do automóvel, uma vez que os edifícios foram erguidos a longas distâncias uns dos outros.

> Brasília é interessante, porque é incrível vista do avião. E, lá embaixo, onde as pessoas estão, ao nível do olho, ela não é nada bonita. E os construtores não pensaram nas pessoas nas ruas, nas pessoas entre os prédios. Apenas fazíamos prédios, então sobrou um espaço entre os prédios, daí chamaram alguns paisagistas para fazer uma jardinagem. Olharam para a janela para ver se as pessoas estavam felizes, mas não estavam (GEHL, 2017).

De acordo com o autor, é necessário que no novo modelo urbano leve em conta a vida social e a saúde das pessoas, primordialmente. Segundo GEHL (2017) o conceito de uma arquitetura de qualidade não é direcionado apenas pela plástica, mas por uma integração harmoniosa entre a vida e a forma. Uma boa arquitetura caracteriza-se de forma que exista êxito em relação a funcionalidade, o formato precisa suportar a vida e atender as necessidades desses indivíduos.

Segundo o Arquiteto e urbanista, Oscar Hagerman, levando em consideração que para se produzir uma arquitetura mais humanizada é necessário que se pense em várias vertentes:

> No design industrial, eles nos ensinam a procurar formas originais, mas a maior riqueza é fazer um mundo que pertença às pessoas e sintam que é seu, porque é isso que dá felicidade. Se sua casa não tem a ver com você, não significa nada. Na escola deveria haver um assunto que nos ensinasse a como se relacionar, como entender o que as pessoas precisam, e para isso devemos aprender a ouvir. Os projetos nunca estão sozinhos, eles sempre

> têm um ambiente, são acompanhados por uma paisagem, uma situação econômica, uma cultura, os costumes de cada povo. Eu acho que fui um arquiteto muito feliz, e esta é a melhor coisa que pode acontecer com um em seu trabalho profissional. (HAGERMAN, 2010).

2.8 PERMACULTURA

Alternativas são buscadas para uma arquitetura mais humanizada e sustentável, dentre elas será abordado a permacultura. O termo “Permacultura’, traduzido do inglês *permaculture*, foi moldada em meados dos anos 70 por Bill Mollison e David Holmgren.

A Permacultura surgiu como uma alternativa para integrar o ser humano com a natureza, apresentando propostas de design dos objetos contidos no espaço, de modo que sua disposição aja em favor de todos os envolvidos, o homem, os animais e o meio-ambiente (MOLLISON, 1999). Com base em suas interpretações próprias de ética e de design, a permacultura apresenta uma espécie de conduta e atitude que tem como objetivo o equilíbrio ambiental e social.

É necessário pensar como elementos integrados através da permacultura, com enfoque no espaço construído, podem motivar diretamente no significado e relação com o lugar. A visualização da paisagem, a bioarquitetura, a autoconstrução, o uso de materiais naturais, a reutilização de resíduos, o aproveitamento da iluminação e energia providas pelo sol, entre outras. Portanto, entende-se que a permacultura pode atuar como uma das possibilidades dos caminhos de condução à ressignificação do lugar que garanta o equilíbrio e integração com o meio. Sendo assim, conceitualiza-se a relação da permacultura e o lugar, e de que o pensar o lugar é viver o lugar.

Diante disso, se desenvolveu uma fundamentação teórica que permitiu a compreensão das causas externas e internas e do que estes elementos culturais significam, e a interpretação da expressão interna que estes grupos tradicionais representam. Por se configurarem como um espaço de transições e compartilhamentos de conteúdos simbólicos e afetivos, e por atribuir uma relação

com um contexto cultural e social, as comunidades Quilombolas evidenciam as particularidades dos indivíduos que a constituem.

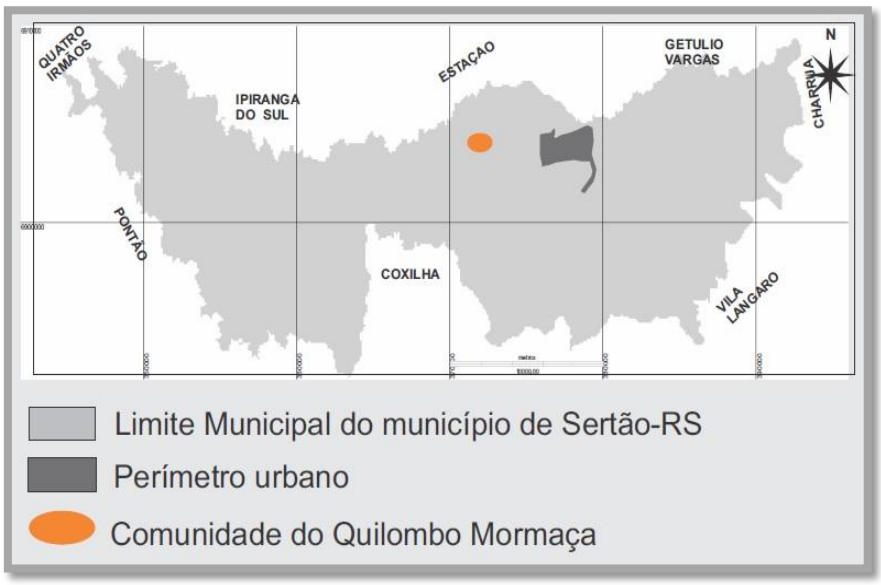
3 ANÁLISE COMPARATIVA

Neste capítulo será apresentado uma experiência de projeto similar a proposta pretendida, apontando os pontos relevantes do projeto, conceitos e diretrizes relacionados à proposição, com o propósito de contribuir para a concepção da projeção projetual.

3.1 QUILOMBO MORMAÇA

Localizado no município de Sertão (Figura 01), na região norte do Rio Grande do Sul o estudo baseia-se em uma proposta projetual de reorganização espacial do Quilombo Mormaça.

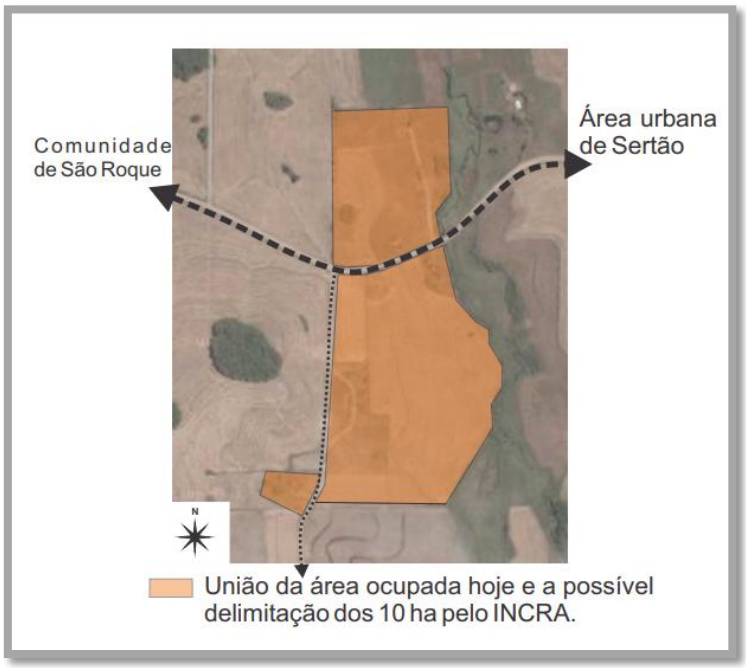
Figura 1 - Localização do município de Sertão.



Fonte: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/819/1/BELL%C3%89_1.pdf. Adaptado pelo autor. Acesso em 08 de junho de 2018.

Abaixo na Figura 02, encontra-se situada a área de intervenção ocupada pelo quilombo.

Figura 2 – Área de intervenção ocupada pelo quilombo.



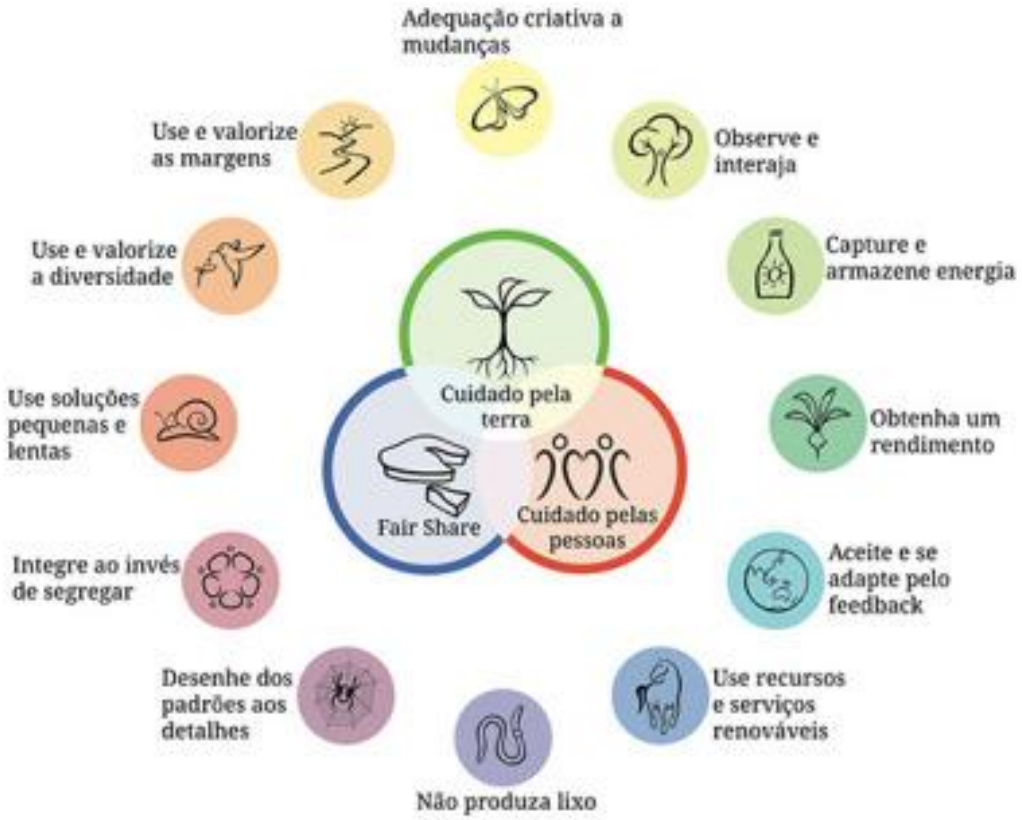
Fonte: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/819/1/BELL%C3%89_1.pdf. Adaptado pelo autor. Acesso em 08 de junho de 2018.

Segundo a autora Bellé (2015), a proposta de reorganização se constitui nos modos de vida do campo e a partir disso se evidenciou a necessidade de uma reorganização espacial da área, onde buscou tornar o espaço de morar e produzir conectados possibilitando melhorias na vida da população local, além disso, baseou-se em agrovilas. Alguns equipamentos se fizeram necessários, como um espaço de memória e visitação, e de produção.

Ainda segundo a autora, os objetivos principais do projeto foram garantir formas de expressão, objetos e costumes, encontrar formas de garantir a sobrevivência das vinte e duas famílias que se encontram na comunidade rural do quilombo Mormaça, através de uma intervenção de cunho arquitetônico e de reorganização de território, desenvolvendo uma organização espacial na escala do quilombo, contemplando espaços de morar, memória, lazer e produção. E além disso, intervindo com um projeto arquitetônico que abrigasse um espaço de memória do Quilombo, além de um espaço de produção que garantisse a subsistência das famílias no campo.

No geral, a proposta baseou-se em desenvolver uma agrovila, com atividades diversificadas para a agricultura de subsistência, mais precisamente a implantação dos princípios da Permacultura (Figura 03).

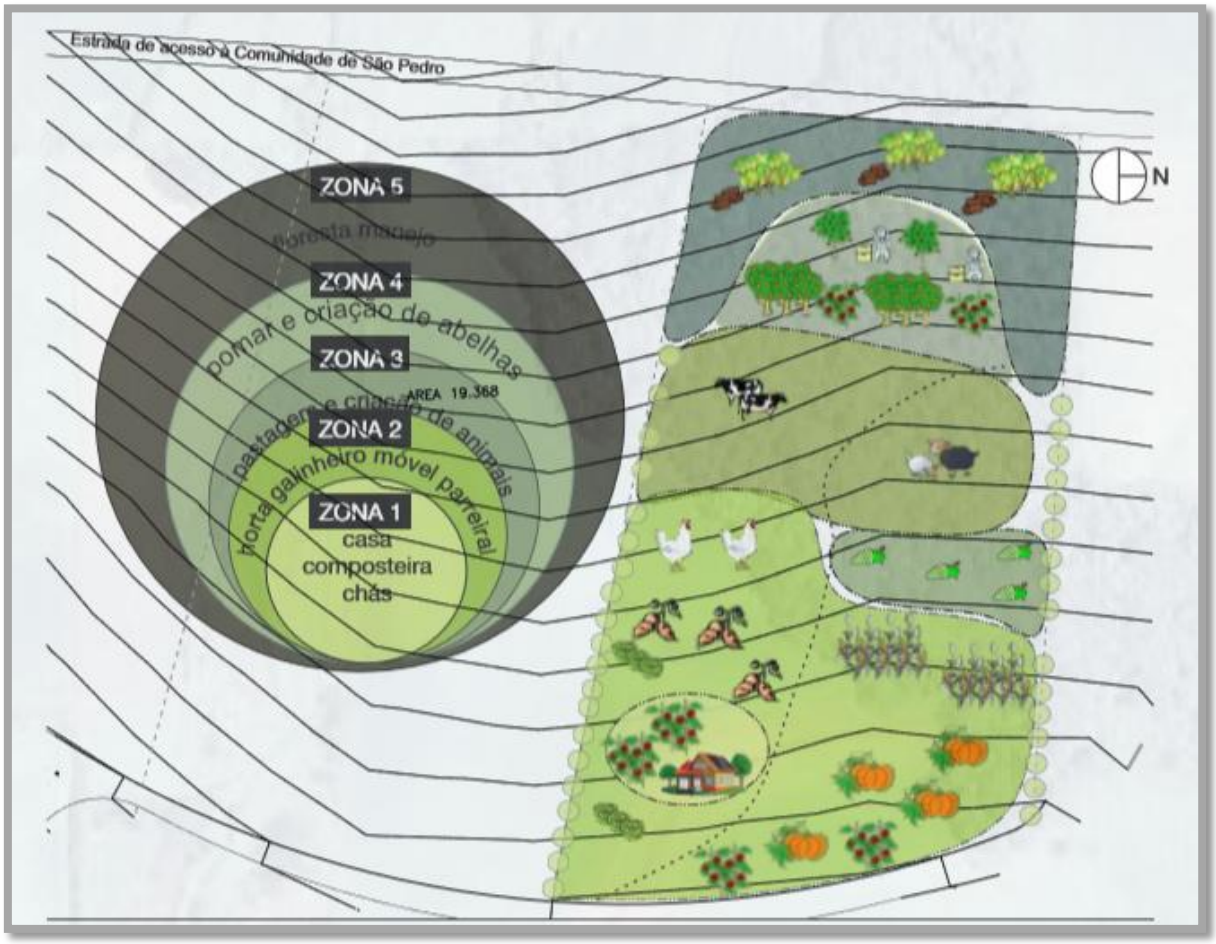
Figura 3 - Princípios da Permacultura.



Fonte: https://zonamenosum.wordpress.com/permacultura/. Acessado em 08/07/2018.

Foram recomendados lotes (Figura 04) individuais para cada família, com áreas para o plantio de vegetais, entre outros produtos que poderão ser consumidos na comunidade e os excedentes comercializados. Cada lote foi pensado com conceitos da Permacultura, utilizando as zonas como formas de organização do lote:

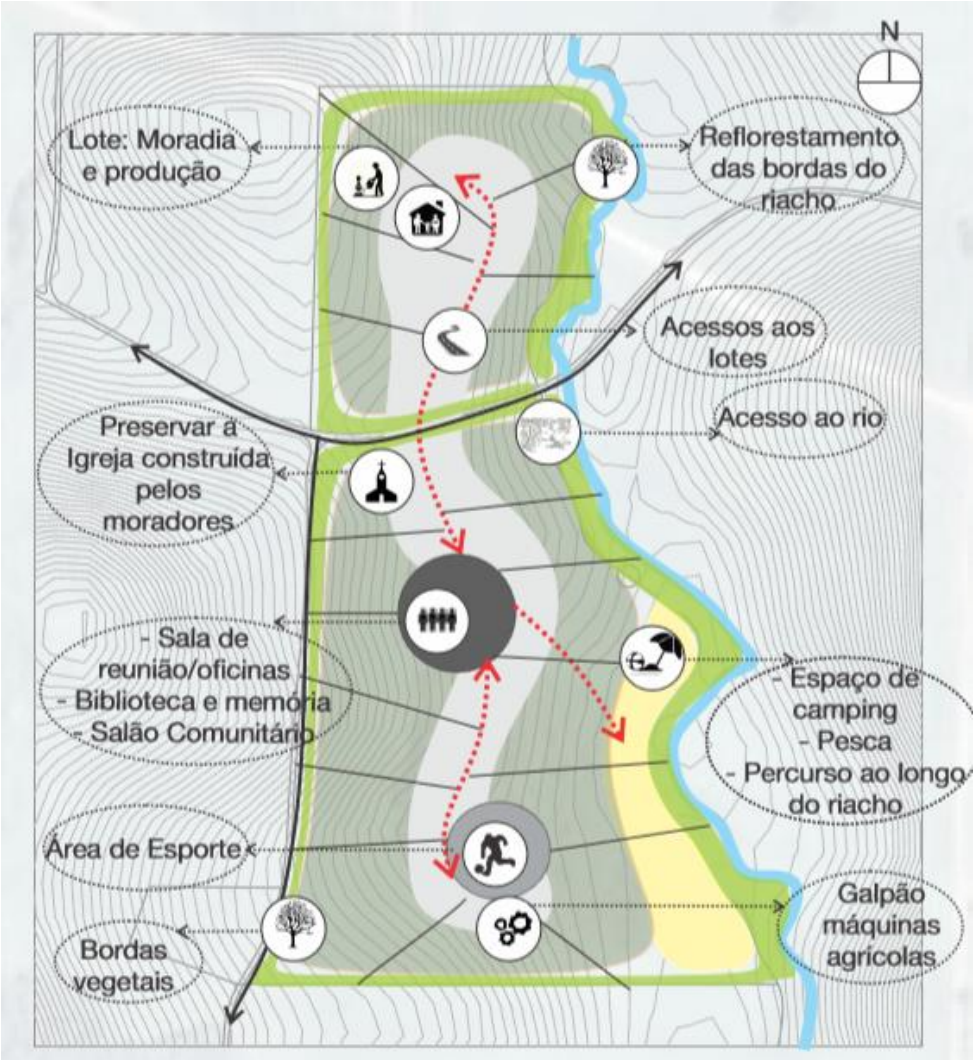
Figura 4 - Sistemas de zona e lote zoneado



Fonte: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/819/1/BELL%C3%89_1.pdf. Adaptado pelo autor. Acesso em 08 de junho de 2018.

A proposta (Figura 05) arquitetônica foi baseada em um conjunto de equipamentos que atendessem às necessidades do Quilombo Mormaça, e desse suporte para que as famílias pudessem morar e trabalhar no mesmo espaço.

Figura 5 - Fluxograma de intenções projetuais.



Fonte: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/819/1/BELL%C3%89_1.pdf. Adaptado pelo autor. Acesso em 08 de junho de 2018.

No conjunto de equipamentos foi pensado também um espaço de produção de pães, bolachas e doces, e além disso aberto para a visitação da comunidade externa.

A organização do solo por Zonas e trabalhar com a policultura é uma alternativa para que os moradores do Quilombo possam trabalhar no seu lote e permanecer no campo. O excedente dessa produção poderá ser pré-beneficiado no próprio Quilombo, na cozinha do Salão Comunitário, durante os dias que não haverão festividades, e, posteriormente vendido na cidade de Sertão ou na venda do Quilombo, para a vizinhança e visitantes.

3.1.1 Considerações Sobre A Relação do Quilombo Mormaça e o Quilombo São Pedro.

Analisando a proposta do estudo de caso, foi possível notar que apesar de ter sido aplicado em um ambiente e uma realidade diferente, o projeto teve como premissa a valorização territorial, cultural e o indivíduo que ali vive. O estudo apresentado proporcionou propostas construtivas, e através deste, foi possível destacar pontos que contribuem para a proposta em estudo.

Desta forma, apesar das particularidades do caso do Quilombo Mormaça e Quilombo São Pedro, há algo comum entre eles, a busca por projetos que se integrassem nos locais em que estão inseridos, de forma a atender a comunidade como um todo.

Como no Quilombo Mormaça, o projeto preliminar de reorganização territorial do Quilombo São Pedro, Ibiraçu/ES prioriza a relação e as características sócio culturais da comunidade tradicional. Sendo assim, será proposta implantação de um programa de diretrizes projetuais para a comunidade Quilombola de São Pedro onde o objetivo tem foco na reestruturação espacial local na escala do Quilombo a fim de melhorar as condições de vida das pessoas que ali vivem, proporcionando mais integração social, valorização cultural, territorial e conforto.

Como foi exposto no caso do Quilombo Mormaça, a proposta para o Quilombo São Pedro visa captar as características socioculturais da comunidade, com relevância para os aspectos que destacam os modos de vida do campo, a busca de tornar o espaço de morar e produzir conectados, possibilitando melhorias na qualidade de vida da população local. As áreas paisagísticas também ganham espaço importante nas ruas e acessos, contribuindo para no convívio social e qualidade de vida urbana.

4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Neste capítulo será apresentado o diagnóstico da área que foi escolhida para a implantação da proposta, levantamento dos dados referentes aos aspectos socioeconômicos, culturais, infraestrutura, aspectos ambientais, urbanísticos, zoneamento, dinâmica do local, entre outros, que influenciem e direcionem a concepção da proposta.

4.1 LOCALIZAÇÃO

Segundo o Relatório Técnico de Identificação da Comunidade de autoria de MACHADO S. L., RODRIGUEZ C. J. S., AGUIAR A. S., BULHÕES D. B. e CARVALHO J. A. 2006, a comunidade quilombola de São Pedro está localizada na região serrana do estado do Espírito Santo (Figura 06), situada a poucos quilômetros da sede do município de Santa Teresa, distribuindo-se entre as divisas dos municípios de Santa Teresa, Ibiraçu e Fundão, dividindo-se entre as localidades rurais dos três municípios na seguinte configuração: Alto Piabas e Piabas, no Município de Ibiraçu; Rio Lampê e Lombardia, no Município de Santa Teresa; e Goiapaba-Açu, no Município de Fundão, conforme denominação do órgão oficial do governo do Estado do ES – Instituto de Pesquisa Jones Santos Neves - IPES, representadas nas (Figura 06).

Figura 6 : Localização do Município de Ibiraçu no Estado do Espírito Santo.

Fonte: Wikipédia, adaptado pelo autor. Acessado em 16/06/2018.

A maior parte do território está localizada na cidade de Ibiraçu (Figura 07),

Figura 7 - Localização do território do Quilombo São Pedro

Fonte: Wikipédia, adaptado pelo autor. Acessado em 16/06/2018

Figura 8 - Território do Quilombo São Pedro em relação da sede de Ibiraçu

Fonte: Google maps, adaptado pelo autor. Acessado em 16/06/2018

Como apresentado na figura 09, o local escolhido para implantação do Núcleo Comunitário Quilombola São Pedro está situado às margens da estrada de acesso ao Quilombo, rota principal dos “Caminhos da Sabedoria”, circuito turístico religioso. O mesmo localiza-se a aproximadamente a 900m do centro da Quilombo, não possui edificações no entorno, área de relevo plano e fácil acesso.

Figura 9 – Área implantação do Núcleo Comunitário Quilombola São Pedro

Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor. Acessado em 16/06/2018

4.3 A ORIGEM DA COMUNIDADE

O povoamento da região que posteriormente se tornou município de Ibiraçu começou no período pós-abolição, nas décadas finais do século 19, quando famílias negras pioneiras chegaram atraídas pela expectativa de conseguir acessar terras disponíveis para moradia e trabalho, possibilitando um recomeço de vida, distante de lugares onde sofreram com a escravidão. Esse período também foi marcado pelo povoamento por imigrantes italianos incentivados por políticas que favoreciam a vinda de europeus para o Brasil. Essas políticas estavam relacionadas ao fim do sistema escravista, associadas a uma ideologia racista que atribuía superioridade ao povo europeu.

Uma vez cortados os laços com o lugar de origem, os indivíduos buscaram estabelecer outros laços sobre os quais teceriam sua organização social genuína. Ao chegarem ao novo espaço, os que lá já se encontravam procuravam guiar os novos no processo de inserção à nova realidade. A organização social que foi tecida

e teve sua base de sustentação nas relações de parentesco estabelecidas entre os membros da comunidade a partir de então são estabelecidas uma rede de solidariedade fundada em grande parte em laços matrimoniais.

Assim, o espaço da escravidão é o lugar de origem de cada família que, ao verificar sua condição livre e desprovida de terras, optou por buscar sua própria terra. Dessa forma, quando as famílias se estabeleceram no território, o cativeiro já tinha sido extinto, e foi a partir deste marco, o fim do cativeiro, que começou o processo de chegada de famílias negras.

A migração foi uma estratégia encontrada para a sobrevivência das famílias que não tinham, em seu berço natal condições de ter acesso à terra. Embora as famílias que migraram tivessem lugares de origem diversos e histórias próprias, todos foram compelidos à migração. O desejo de trabalhar em sua própria terra e para si mesmo, foi um ponto crucial de aproximação das famílias. A necessidade de estabelecer novas relações sociais em um espaço desconhecido, mas que transmitia um sentimento puro de liberdade e conquista.

Para compreendermos as relações entre os membros da comunidade e os que estão à sua volta é de absoluta importância a reconstrução do processo histórico de formação da comunidade. Um dos identificadores da identidade étnica da comunidade consiste na sua orientação pelo passado e pelas tradições, que mesmo passando por transformações, permaneceram os elementos fundadores da história do grupo, sejam eles reais ou míticos, aceitos como base de uma história comum.

As famílias ao se estabelecerem na região apropriavam-se das terras devolutas para uso particular das famílias. Cada núcleo familiar tinha suas terras demarcadas a partir do padrão de medida chamado de colônia, que equivale a 5 alqueires. A partir dessa estrutura de ocupação, a configuração espacial do território teve característica nuclear, cada porção de terra passada a ser posse de uma família. E à medida que as famílias foram chegando, elas estabeleciam o processo de ocupação das terras disponíveis junto àquelas já ocupadas, formando um território único sob a posse das famílias negras.

Portanto, a ocupação das novas terras era feita pela apropriação da área, abrindo a mata e preparando a terra para o uso, a partir desse processo delimitava-se o terreno com sendo de sua posse. Cada família com seu terreno demarcado trabalhava na sua terra. A chegada era feita pela descoberta, avançava-se pelas terras à procura do lugar ideal para o estabelecimento do núcleo familiar, ou como foi feita pelos fluxos mais recentes, orientada por um guia, alguém que já conhecia a região e encaminhava os novos membros.

A falta de políticas públicas para o assentamento digno, compatível ao desenvolvimento da agricultura camponesa estabelecida na época, levou rapidamente esse grupo a se tornar a principal mão de obra nas tradicionais lavouras de café da colonização italiana.

4.4 INFRAESTRUTURA E DADOS

As informações desta parte foram obtidas, através de entrevistas informais realizadas com algumas pessoas para obter tais elementos. No município de Ibiraçu onde encontra-se a maior parte do território de São Pedro, as condições disponíveis de infraestrutura da área rural são muito precárias.

4.4.1 Estradas e vias de acesso

A altitude da região dificulta o acesso, principalmente em época de chuva. A maioria das pessoas faz seus trajetos cotidianos a pé.

Com relação às estradas e vias, o acesso é por intermédio de estradas próximas em médio estado de conservação, a altitude da região dificulta o acesso, principalmente em época de chuva onde vários trechos ficam intransitáveis levando ao isolamento dos centros urbanos. Nenhuma delas, sendo as de acesso e as internas são asfaltadas, as vias não possuem nenhum tipo de pavimentação ou drenagem, como podemos observar na Fotografia 01:

Fotografia 01 – Estradas e vias de acesso.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.4.2 Transporte

Com relação ao transporte, alguns quilombolas possuem veículo automotor, bicicleta, cavalo, mas a maioria das pessoas que vivem na comunidade faz seu trajeto cotidiano a pé.

As crianças e adolescentes que frequentam a escola têm ônibus escolar que faz o transporte diário.

4.4.3 Iluminação Pública

Não existe iluminação pública na comunidade, as vias não são iluminadas e a noite as famílias evitam sair de suas casas devido a essa carência. A iluminação, das vias da sede do quilombo são realizadas indiretamente pelas luzes das casas. Na Fotografia 2 podemos observar a ausência de postes de iluminação pública:

Fotografia 2 - Ruas sem iluminação pública.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.4.4 Esgoto

A questão de esgotamento sanitário é outra deficiência que a comunidade sofre, a maior parte das residências não possui banheiros e o esgoto é lançado a céu aberto ou diretamente nos córregos e cursos d'água que cortam o território e

Fotografia 3 – Esgoto lançado diretamente em afluente.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

abastecem as residências (Fotografia 3).

A falta de saneamento básico e de sanitários na maioria das residências e outro fator alarmante, que tem contribuído com a deterioração ambiental das APP's colocando em risco a qualidade do abastecimento humano.

4.4.5 Água e abastecimento

A estação de abastecimento de água (Fotografia 4) não está em funcionamento devido problemas mecânicos na bomba de sucção, tornando assim o abastecimento precário.

Fotografia 4 - Estação de abastecimento de água

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

A estação de abastecimento existente depende diretamente do funcionamento da bomba (Fotografia 5) para que o processo de abastecimento abranja todas as moradias. Alguns moradores possuem poços, sendo essa a segunda alternativa, sem tratamento de água adequado os moradores utilizam a água com muito receio de doenças por contaminação.

Fotografia 5 - Bomba responsável pelo bombeamento de água

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.4.6 Lixo

A comunidade não possui coleta de lixo, a forma de descarte dos resíduos sólidos é realizado irregularmente em áreas de terrenos vazios (Fotografia 6) e geralmente o lixo sanitário é queimado.

Fotografia 6 – Descarte de resíduos sólidos irregular.

Fonte: Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.4.7 Saúde

Existem dois postos médicos municipais. Um destes fica na localidade de Rio Lampê e o outro próximo ao Campo do Sapê. Segundo informações, esses postos funcionam de segunda à sexta-feira, com atendimento médico quinzenal.

Além dos postos, as pessoas procuram os hospitais das cidades de Ibiraçu, João Neiva, Santa Teresa e Vitória, este último só para casos mais graves.

Existe uma agente de saúde que faz visitas periódicas as famílias, procurando detectar se precisam de algum cuidado mais específico. Ela também procura agendar consultas médicas.

A maioria dos quilombolas relata resolver suas doenças procurando mais de um método de cura. Assim, tanto os métodos tradicionais isolados quanto os métodos científicos, também isolados, não são utilizados como recursos únicos na procura pela cura.

4.4.8 Espaços públicos e lazer

Dentre as muitas carências da comunidade temos também a ausência de espaços públicos e de lazer que ofereça infra estrutura adequada, mais comodidade e qualidade na prática de atividades físicas.

As atividades mais frequentes são realizadas fazendo o uso do terreiro (Fotografia 7) em frente à igreja, lá são realizadas danças de congo, entre outras atividades.

Fotografia 7 – Terreiro onde são realizadas atividades de lazer.

Fonte: Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

As crianças não têm locais apropriados para recreação, geralmente brincam entre os barracões (Fotografia 8) e terreiros, elas são as que mais anseiam por

espaços de lazer, elas gostariam muito de ter um espaço adequado para praticar esportes e atividades ao ar livre.

Fotografia 8 – Crianças brincando.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.4.9 Religião e cultura

A Igreja tem um significado muito forte para a comunidade, a sua construção garantiu a liberdade de gerenciar suas próprias atitudes e manifestar livremente suas concepções religiosas. Portanto, a Capela de São Pedro (Fotografia 9) é lugar de socialização e de reprodução cultural da comunidade.

Fotografia 9 – Capela São Pedro.

Fonte: Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

As mulheres organizam a reza (Fotografia 10), elas são responsáveis por realizar as manutenções e a limpeza da igreja.

Fotografia 10 – Mulheres organizando a reza.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

As festas são pontos fundamentais de coletividade. Aos bailes, as folias de reis, são festas que ficaram registradas na memória, pois estas não mais se configuram como práticas na comunidade. No entanto, uma ficou enraizada de forma significativa entre os membros e que se perpetua até hoje é o congo. Na Fotografia 11, estão Dona Tereza e o Senhor Jaci, rainha e rei do congo.

Fotografia 11 - Dona Tereza e o Senhor Jaci, rainha e rei do congo.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

Um dos pilares mais fortes de identidade da comunidade está na sua relação com as festas de congo, que a cada ano renova um mito fundador de uma comunidade católica negra. A festa de congo é motivo de fortalecimento dos laços de identidade de grupo, sobretudo, entre os católicos. A comunidade constrói a identidade coletiva pelo congo e se define a partir da conexão de uns com os outros.

Este é um espaço de construção de identidade e de expressão de poderes, organiza as relações internas ao grupo e também as relações do grupo com a sociedade abrangente. Em meio a essa configuração aparentemente segregada e privada, por sua ocupação da terra em núcleos familiares a comunidade, para se identificar enquanto tal desempenha atividades coletivas.

4.4.10 Moradias e habitação

A atividade de construção já foi ofício de muito orgulho dos mais antigos que relatam os acampamentos e estaleiros estruturados na mata, e guardam até os dias de hoje as ferramentas artesanais como o grupião e a serra de braço, que foram herdados de seus pais juntamente com o ofício repassado.

A prática de construção de casas de madeira (Fotografia 12) e estuque e (Fotografia 13) típicas da região já não é mais a principal forma de construção atual,

devido a restrições do recurso madeireiro e da legislação como também, a atuação da fiscalização ambiental, o que é respeitado pela comunidade.

Fotografia 12 – Casa de madeira.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

Fotografia 13 - Casa de estuque.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

Na reforma e construção de novas moradias tem utilizado materiais convencionais em alvenaria (Fotografia 14).

Fotografia 14 – Casa de alvenaria.

Fonte: acervo pessoal

4.4.11 Segurança pública

Observamos que não existe nenhum posto policial na região. Também não foi constatado, enquanto em campo, rondas policiais. Contudo, a informação dada pelos moradores é de que a polícia de Ibiraçu comparece ao local quando solicitada.

4.4.12 Turismo

Devido ao Quilombo estar situado no percurso do Circuito Caminhos da Sabedoria, desenvolvido pelo Monteiro Zen Morro da Vargem e a Prefeitura Municipal de Ibiraçu, e também por ser uma comunidade tradicional e oferecer atrativos relacionados à cultura e modo de vida quilombolas, a comunidade recebe frequentemente visitantes, sendo pesquisadores, estudantes e missionários a fim de percorrer os caminhos da sabedoria. Os visitantes são recebidos e hospedados nas casas dos moradores do quilombo. Observou-se uma necessidade de ter um local apropriado para receber e hospedar estes turistas e visitantes.

4.4.13 Correios

Os agentes dos correios não fazem entregas na região. Não há postos dos correios, como também não existe um sistema de caixa postal. Segundo relatos, as

cartas chegam no correio de Ibiraçu e lá ficam até alguma pessoa da comunidade ir à cidade e recolher as correspondências de todos.

Mais uma vez percebe-se que a precariedade na prestação de serviços de utilidade pública acaba criando situações de dependência.

4.4.14 Educação

Percebemos um número maior de pessoas frequentando a escola, o que diminui o índice de analfabetismo. Atualmente, a escola da comunidade fica em Rio Lampê. Atende alunos do pré ao 3º ano do ensino médio.

4.5 LEVANTAMENTO SÓCIO ECONÔMICO

Esta parte procura fornecer dados sócio econômicos à respeito da comunidade quilombola de São Pedro.

4.5.1 Dados dos integrantes da comunidade

Referentes à ocupação e aos ofícios declarados podemos constatar que as pessoas se identificam como trabalhadores rurais de um modo geral. Inclusive entre as mulheres a declaração de lavradora aparece logo em seguida das funções domésticas, intimamente ligadas à divisão social do trabalho. A questão econômica chama atenção pela precariedade, à dificuldade de geração de renda e empregos é muito grande, fazendo com que principalmente as mulheres prestem serviço para os fazendeiros vizinhos na colheita do café, sedo que esta ocorre apenas uma vez ao ano e em um curto período de tempo, limitando assim a renda. Além disso, essa escassez de oportunidades de crescimento econômico força aos jovens que busquem emprego em ouras cidades, na maioria das vezes indo embora da comunidade e deixando suas famílias.

4.5.2 Bens e utensílios domésticos

Os quilombolas de São Pedro possuem, na grande maioria, alguns eletrodomésticos básicos (Fotografia 15), como televisão, rádio, fogão a gás e geladeira. Além do fogão a gás o fogão a lenha é utilizado na maioria das residências, aparecendo como a opção mais barata e tradicional.

Fotografia 15 – Eletrodomésticos básicos.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

4.5.3 Telecomunicação

Pode-se observar que a maioria dos quilombolas possuem celular, porém as pessoas não podem dispor desse serviço com tanta qualidade, sendo que praticamente no núcleo do Quilombo o sinal funciona, porém precariamente e nas proximidades não existe sinal. Não contam com telefonia fixa. Também não existe telefone público (orelhão) na área próxima.

4.5.4 Comunicações e internet

No quilombo não existe internet, os moradores já buscaram alternativas para instalação, mas ainda não obterão sucesso A falta de acesso à internet dificulta a comunicação e até mesmo o estudo, alguns jovens gostariam de fazer faculdade a distância, mas como não possuem internet isso e torna impossível

4.5.5 Paisagem local

No contexto da paisagem local da área estudada, os remanescentes florestais estão consorciados com várias culturas agrícolas que atualmente compõem a paisagem regional. Destacam-se como elementos da paisagem as áreas destinadas aos cultivos do café, banana e eucalipto e algumas culturas temporárias de subsistência como: o milho, feijão, mandioca. Observa-se também outros elementos na composição da paisagem como o relevo que se apresenta entre morros e grandes afloramentos rochosos permeado pelos cursos d'água e o uso do solo pela agricultura e pecuária com suas estruturas associadas, bem como as áreas de ocupação pelas moradias e espaços de uso coletivo.

O território, portanto, foi sendo desenhado a partir da intenção de transformar aquele espaço em lugar de trabalho e de sustento das famílias. Nessa relação com a natureza, a mata passou a representar não só um desafio a ser vencido a partir dos esforços dos "derrubadores", como também um espaço onde poderiam ser retirados elementos necessários as famílias.

Deste modo, reforçam a ideia de que antes de sua chegada e seu trabalho a mata era um lugar vazio, passando a ser socializado pelas práticas e usos.

Quando analisado, São Pedro é visto como uma comunidade de agricultores.

Espacialmente, a mata fica mais afastada dos núcleos residências, embora essa distância não seja tão significativa não é um lugar muito frequentando, apresentando algumas interdições, sobretudo para as mulheres. O uso desse ambiente se dá basicamente para a caca e a extração de plantas nativas para alimentação ou uso medicinal.

Simbolicamente, a mata e representada como um lugar perigoso. Pertencente ao mundo natural por excelência, ela não e ocupada pelo homem, sendo habitada por seres da natureza e sobrenaturais, designados de maneira geral como bichos. Os bichos são as cobras, os sapos, animais que apresentam nocividade em geral.

Também são designados como bichos seres sobrenaturais como o caipora, o saci, o diabo. Em termos simbólicos, o bicho é o ser mais distante da sociedade,

possui suas próprias regras e tem por objetivo “atrapalhar” o homem, seja com assombração ou tentação.

Com relação à produção, os produtos mais cultivados são: café, mandioca e aipim, milho, feijão, banana, cana-de-açúcar, além do plantio de eucalipto.

Alguns cultivos merecem atenção: um é cultivo da mandioca e o outro do café. Com relação à mandioca, esta e apontada como uma das práticas mais antigas na região.

Hoje a plantação é bastante restrita, mas os quitungos (Fotografia16) ou casas de farinha ainda continuam funcionando, possibilitando não só a produção da farinha, como uma rede de relações que obedece ao parentesco e a proximidade espacial.

Fotografia 16 - Quitungo e produção de farinha

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

O quintal é a unidade do território mais próxima da casa. Cada família nuclear tem seu próprio quintal, que representa um espaço mais “privado” e demarca a residência. O quintal também e uma forma de delimitar o espaço mais extenso, territorializando a unidade familiar e as suas relações.

5.1 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS.

A discussão dos aspectos socioambientais busca uma caracterização do contexto ambiental das terras e das relações com a terra, práticas e saberes no manejo dos recursos ambientais estabelecidos pela comunidade, levantando dados que podem ser utilizados em futuros planejamentos de manejo e proposições de um território sustentável.

5.1.1 Sobre o plantio das roças

Nesse contexto a comunidade de São Pedro apresenta características da agricultura familiar, a maior parte sua produção agrícola temporária é para o autoconsumo. Destaca-se à baixa produtividade de suas lavouras associadas à restrição das áreas de cultivo e aos trabalhos temporários em outras propriedades.

Após o momento da chegada, as famílias foram se estabelecendo na terra, plantando suas roças e acompanhando a alteração da paisagem em decorrência da substituição das florestas por lavouras de café (Fotografia 17):

Fotografia 17 – Lavoura e colheita do café.

Fonte: acervo pessoal

Voltados para uma agricultura diversificada e sem a finalidade econômica de comercialização, mas sim como uma estratégia de sobrevivência de complementaridade econômica e alimentar, o sistema de trocas e a diversificação das culturas, remontam a paisagem rural e o sistema de trocas do tempo antigo.

Considerando a alta declividade de suas terras e o fato se localizarem entre as cabeceiras de duas bacias hidrográficas, as áreas produtivas são restritas, pois boa parte das terras encontra-se em áreas de preservação permanente.

Foram identificados cultivos em pequena escala, caracterizando o modelo de agricultura familiar, destacando-se o cultivo de mandioca para a produção de farinha para o consumo doméstico, identificada como atividade feminina, mantida pela maioria das famílias que se apresenta como uma característica cultural marcante da comunidade, demonstrada pela grande diversidade de espécies ainda cultivadas.

A mandioca é usada para fazer farinha e o aipim para comer. O quitungo que se mantém em atividade se encontra na propriedade de uma das famílias, esse quitungo é utilizado pelas famílias vizinhas, a produção é partilhada entre as famílias que fornecem a mandioca e uma parte da produção é deixada para o proprietário em troca do uso.

Fotografia 18 - Produção de farinha

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

A zanzula da Farinha - A zanzula é denominação nativa a primeira secagem da farinha no tacho, mantida até hoje durante o processo do ritual de confecção da farinha, do beiju (Fotografia 19), da araruta e do polvilho, produzidos para o consumo de forma coletiva, pela maioria das famílias.

Fotografia 19 – Produção do beiju.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

O Feijão é cultivado para consumo, secado (Fotografia 20) e descascado no terreiro dos quintais e depois armazenado para o consumo.

Fotografia 20 – Secagem do feijão.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

A banana (Fotografia 21) é outra cultura expressiva na região. Atualmente o cultivo, na maioria das propriedades é para o uso e consumo doméstico.

Fotografia 21 - Colheita da banana.

Fonte: Arquivo pessoal, 28 de junho de 2018.

Pode-se concluir, neste capítulo, que a área apresentada é promissora a implantação das propostas, pois se trata de uma comunidade que necessita de melhorias, pois sofre com a precariedade em diversos setores, sendo eles nas questões ambientais, de infraestrutura básica, habitacionais e principalmente nas questões socioeconômicas. Tendo em vista que as propostas apresentadas têm o objetivo de sanar e(ou) melhorar essas questões tão significantes que envolvem a qualidade de vida local.

6 PROPOSTA

A seguir serão apresentadas diretrizes que nortearam as intervenções propostas na área de intervenção, juntamente com a proposta arquitetônica do Núcleo Comunitário Quilombola de São Pedro, de acordo com os estudos realizados.

6.1 DIRETRIZES ESPECÍFICAS

1. Analisando a caracterização da área escolhida, observou-se a viabilidade de implantação das edificações e do conjunto que formam o núcleo, neste determinado local devido à intenção de formar uma centralidade, conectando os setores existentes: religioso e cultural, localizados nas proximidades dos setores propostos:

serviço, produção, comércio, turismo e hospedagem. Além disso, a localização da área de intervenção contribui, pois está nas margens da estrada que é a principal rota dos peregrinos e turistas que realizam o percurso religioso e cultural “Caminhos da Sabedoria” facilitando o acesso e maior visibilidade ao local.

2. Com o propósito de aproveitar todos os pontos positivos que o terreno oferece e principalmente seu potencial de implantação por se tratar de um relevo mais plano e com superfície regular, as edificações foram dispostas com o pressuposto de integração e conexão entre os espaços e com o meio ambiente.

3. A proposta dispõe de espaços amplos e abertos de forma a facilitar a circulação por entre os mesmos, a integração dos ambientes ocorre com o propósito de atender a funcionalidade, e transição de um espaço ao outro, sendo que as dinâmicas de algumas atividades estão interligadas, além disso, com a finalidade de oportunizar aos turistas a inserção cultural.

4. Foi proposto o uso de materiais construtivos reaproveitados como madeira de demolição e técnicas sustentáveis como tijolos de adobe, com intenção de remeter a ambientes mais rústicos, aconchegantes e despojados.

5. A madeira e o tijolo de adobe foram escolhidos como principais elementos construtivos em todas as edificações, nos telhados a utilização de formas orgânicas se deu com a intenção de se trabalhar uma arquitetura vernacular, utilizando os materiais locais, técnicas e tipologias tradicionais ao ambiente inserido com intuito de remeter as características dos telhados coloniais das edificações ruralizadas.

6. Além disso, as fachadas de menor insolação foram definidas grandes aberturas e espaços livres para aproveitar a ventilação natural dos ambientes e nas fachadas onde a insolação é mais forte será utilizado um paisagismo adequado para ameniza-la.

7. Em torno das instalações foram implantados passeios e espaços verdes promovendo a conexão entre os espaços e a paisagem natural, para que as mesmas se tornem ponto de circulação, encontro e vivência. O terreno também foi contemplado com paisagismo abundante nas áreas de passeio e convívio, foram utilizadas árvores de pequeno e médio porte, junto à vegetação rasteira para amenizar os efeitos da insolação e tornar o ambiente mais agradável como um todo.

8. A implantação das edificações como um todo seguiu, primeiramente, os afastamentos e normas técnicas exigidas pelo código de obras municipal de Ibiraçu. Em segundo momento foi proposto a setorização dos ambientes de acordo com o programa de necessidades e o fluxograma.

6.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa foi elaborado com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da proposta de acordo com as necessidades de todos os usuários. Dessa forma, divide-se o mesmo em setores, cada qual abrigando ambientes com diferentes funções. Abaixo, segue explicitado, na tabela 1, os setores e suas ambiências, juntamente a área mínima que cada um deve conter para atender adequadamente o local:

Tabela 1: Programa de necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES		
ESTACIONAMENTO		
AMBIENTE	**QUANTIDADE VAGAS**	**ÁREA**
VEÍCULO DE PASSEIO	30	-
BICILCLETÁRIO	20	-
MOTOCICLETAS	10	-
CARGA E DESCARGA	1	-

SETOR PRODUÇÃO		
AMBIENTE - PADARIA ARTESANAL	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
ENTRADA	1	10,44 m²
SALA DE PRODUÇÃO	1	33,52 m²
SALA DE FORNOS	1	11,36 m²
VESTUÁRIOS	2	7,46 m²
BANHEIRO	1	3,92 m²
VARANDA	1	9,15 m²

SETOR PRODUÇÃO		
AMBIENTE - CASA DE FARINHA	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
ÁREA DE LAVAGEM	1	12,85 m²
ÁREA DE RALAGEM	1	8,34 m²
ÁREA DE PRENSAGEM	1	7,53 m²
ÁREA DE TORRAGEM	1	15,55 m²
ÁREA DE EMBALAGEM	1	8,14 m²

SETOR COMERCIAL		
AMBIENTE - MERCADO	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
HORTIFRUTI	1	33,02 m²
ÁREA DE PRODUTOS	1	33,13 m²
COZINHA	1	5,17 m²
LAVABO	1	4,70 m²
DEPÓSITO	1	26,86 m²

SETOR SERVIÇOS		
AMBIENTE - RESTAURANTE/CAFÉ	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
RESTAURANTE	1	70,28 m²
VARANDA GOURMET	1	44,70 m²
COZINHA INDUSTRIAL	1	14,18 m²
LAVATÓRIO	1	3,21 m²
SANITÁRIO	1	1,58 m²
PNE	1	2,54 m²

SETOR SERVIÇOS		
AMBIENTE - HOSPEDAGEM TIPO 01	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
HALL	1	3,13 m²
QUARTO CASAL	1	16,94 m²
BANHEIRO	1	3,88 m²
VARANDA	1	7,63 m²

SETOR SERVIÇOS		
AMBIENTE - HOSPEDAGEM TIPO 02	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
HALL	1	3,13 m²
QUARTO	1	18,75 m²
BANHEIRO	1	3,88 m²
VARANDA	1	7,63 m²

SETOR SERVIÇOS		
AMBIENTE - HOSPEDAGEM TIPO 03	**QUANTIDADE**	**ÁREA**
HALL	1	3,13 m²
QUARTO	1	18,75 m²
BANHEIRO	1	3,88 m²
VARANDA	1	7,63 m²

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

6.3 DIRETRIZES GERAIS

Foram adotadas cinco diretrizes principais para nortear o projeto, sendo elas:

- Elaboração de dois espaços de produção distintos, um para produção de farinha e outro para produtos de panificação, com as devidas instalações sanitárias, e áreas que atendam o programa de necessidades de cada edificação proposta;

- Elaboração de espaço para comercialização de produtos originados da produção e da agricultura familiar, com as devidas instalações sanitárias que atendam o programa de necessidades.

- Implantação de um restaurante café, com intuito de atender a demanda turística além doa moradores locais;

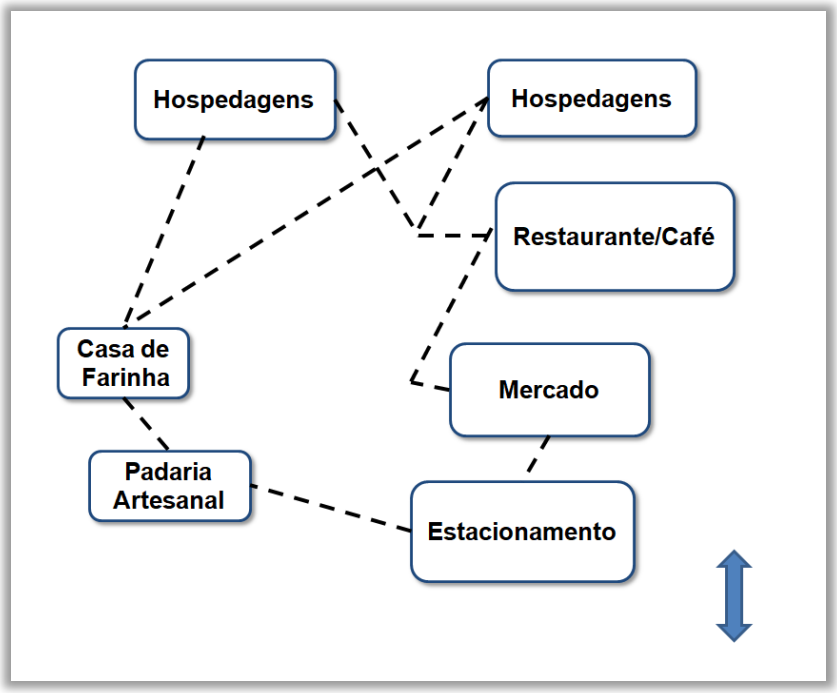
- Implantação de bangalôs para hospedagem, com intuito de atender a demanda turística, visitantes e moradores locais;

- Introdução de passeios e espaços verdes, espaço para camping e área destinada para trilhas ecológicas, amplos voltados para conectar os espaços e a paisagem natural.

6.4 ESTUDO PRELIMINAR

Neste capitulo será abordada a disposição arquitetônica das edificações propostas, bem como a apresentação da setorização dos ambientes internos e externos. Após a definição do programa de necessidades, foi possível desenvolver o fluxograma de acesso e comunicação entre setores, representado pela figura 10, com o objetivo de contribuir na elaboração do estudo preliminar:

Figura 10: Fluxograma de acesso e comunicação entre setores



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Adiante será ilustrada a implantação de acordo com o fluxograma, conforme (anexo 01), referente à proposta do Núcleo Comunitário de São Pedro.

Conforme ilustrado anteriormente no anexo, o Núcleo Comunitário Quilombola de São Pedro, foi locado ás margens da rota “Caminhos da sabedoria”, próximo as edificações existentes, Igreja São Pedro, o barracão de congo e a casa de memória. A estrada possui maior fluxo de pessoas, pois é rota de acesso a várias localidades da zona rural da cidade de Ibiraçu. Além disso, unificando as áreas religiosa e cultural existentes a nova proposta foi inserida com a intenção de formar uma centralidade e fortalecer ainda mais a cultura e tradição local.

O espaço em geral é aberto, de fácil acesso e circulação, dando fluxo do estacionamento às demais áreas.

Figura 11: Ilustração - implantação

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

A área dos estacionamentos foi locada ao início do terreno, com entrada e saída para a estrada principal. Sua locação foi estratégica em relação aos demais setores, uma vez que tem a possibilidade de ser utilizado por clientes em horário de compras no espaço do mercado e, ao mesmo tempo, por aqueles que se utilizam as demais atividades do núcleo, os setores de serviço, produção, comércio e hospedagem conforme apresentado no anexo.

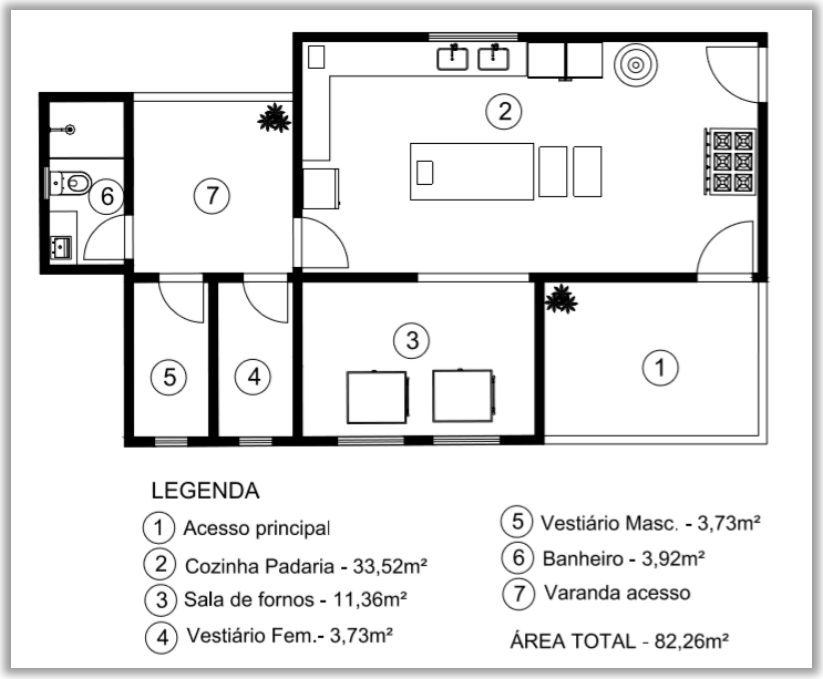
Todo o setor de produção encontra-se no mesmo nível que os demais, nesta área foram locados a padaria e a casa de farinha como se pode observar na figura 12. Com passeios e locais de acesso propostos, os tornam setores acessíveis ao público, já que uma das intenções é permitir que os visitantes tenham oportunidade de inserção cutural, observando e até mesmo participando das práticas de produção na padaria e na casa de farinha.

Figura 12: Ilustração – Padaria e Casa de Farinha

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Como demonstrado na figura 13, à padaria é composta por uma cozinha industrial com equipamentos específicos para produção de panificação, banheiro e vestiários para funcionários, sala de fornos, e espaço de recepção e espaço de estar nos fundos, uma varanda para os usuários.

Figura 13: Planta layout - Padaria



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

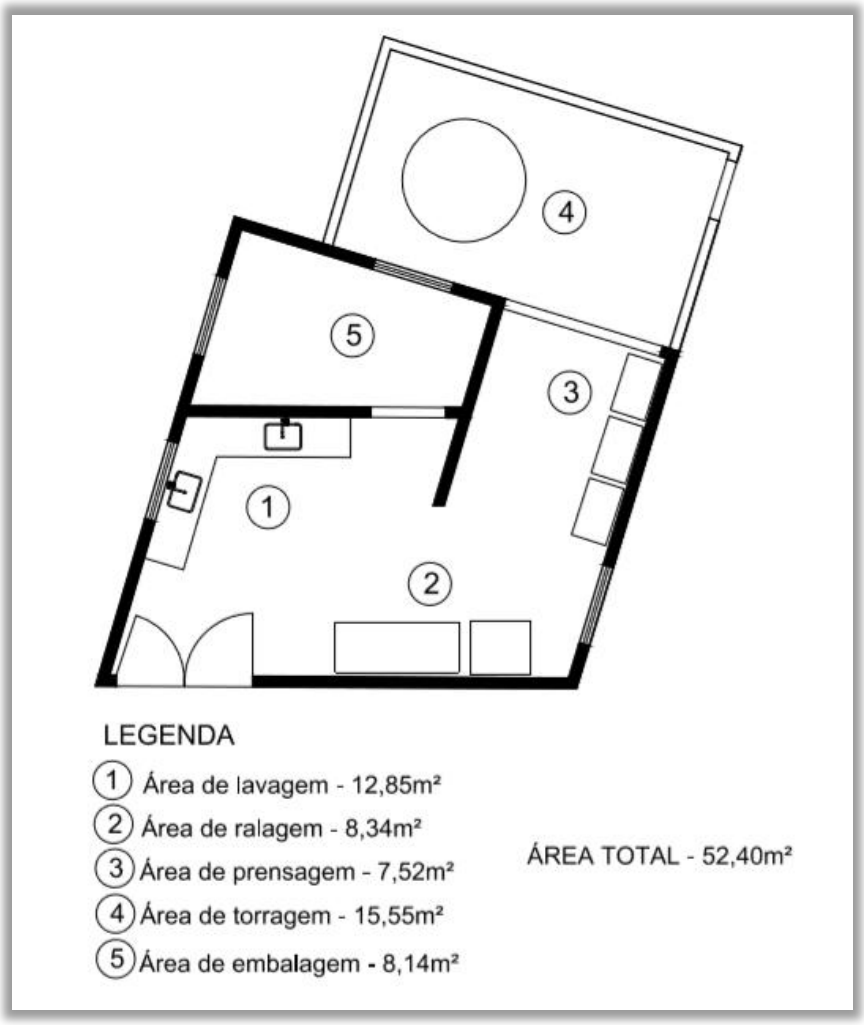
A padaria (figura 14) dispõe de espaços amplos e funcionais para atender a demanda de produção de panificação e biscoitos, e para receber os turistas e visitantes para inserção cultural.

Figura 14: Ilustração - Padaria

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

A casa de farinha dispõe de espaços amplos e funcionais e dinâmicos para atender a demanda de produção de farinha, beijus e tapiocas, e, além disso, para receber turistas e visitantes para inserção cultural. Como demonstrado nas figuras 15 e 16, à Casa de Farinha é composta por áreas que atendam ao processo de produção, sendo elas área de lavagem, higienização e raspagem da mandioca, contém também áreas individuais e especificas para ralagem, prensagem, torragem e embalagem, os funcionários utilizaram o banheiro e vestiários do espaço da padaria, locado ao lado e interligado.

Figura 15: planta layout casa de farinha



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

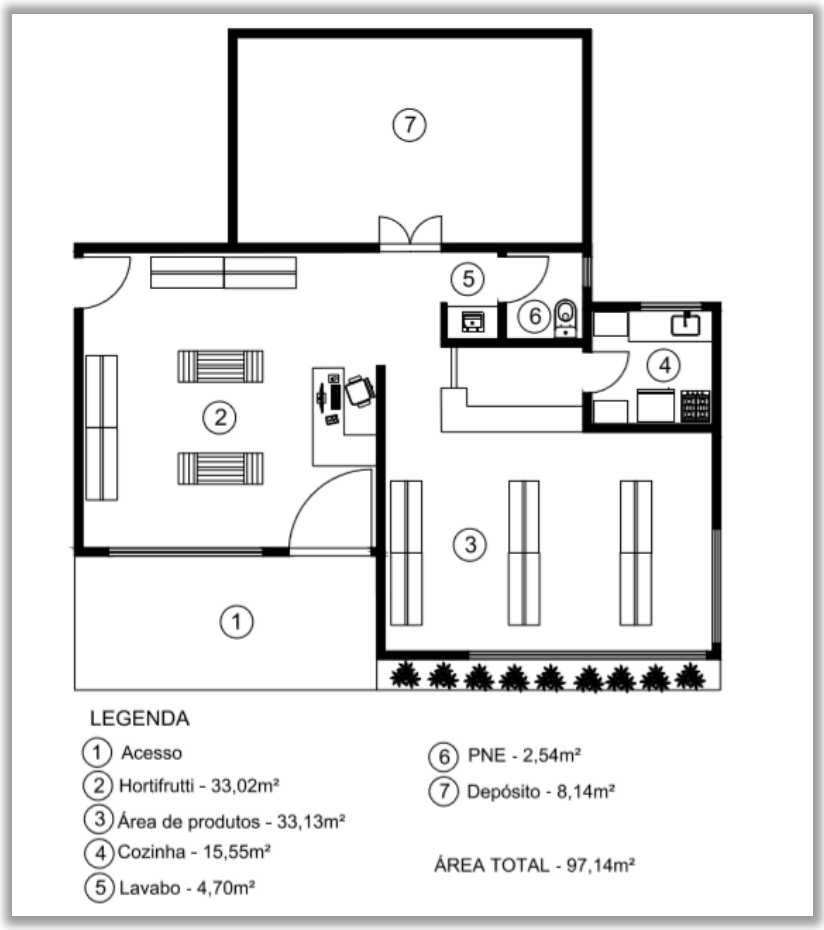
Figura 16: Ilustração – Casa de farinha

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

O setor comercial encontra-se próximo ao estacionamento, à implantação do mercado hortifrutti, ocorre com a premissa de oportunizar a venda dos produtos tradicionais produzidos na padaria e casa de farinha, artesanato local, dos excedentes oriundos da produção de uma futura horta comunitária e pomar, além de outros produtos, já que nas proximidades não existe outro tipo de local que ofereça este serviço, fazendo com que os moradores se desloquem a outras cidades para realizar as compras. Gerando assim emprego e renda aos moradores da, além de incentivo turístico e maior visibilidade da comunidade.

O mercado dispõe de espaços que atendem as necessidades dos usuários, proporcionando um espaço aconchegante e com disponibilidade de todos os produtos feitos na comunidade. Como demonstrado na figura 17, o mercado é composto por um setor de hortifrutti e outro de vendas de produtos, uma cozinha, banheiro PNE e depósito de produtos.

Figura 17: Planta layout - setor comercial mercado hortifrutti



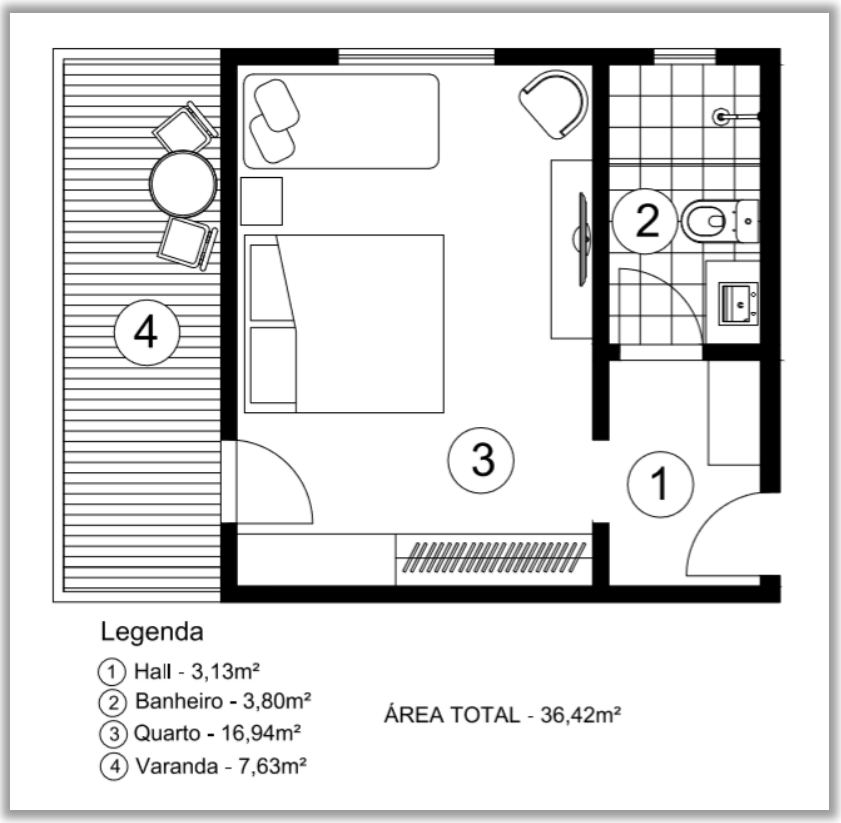
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 18: Ilustração - setor comercial mercado hortifrutti

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

O setor de hospedagem encontra-se mais adiante e nas laterais, à implantação das hospedagens foram dispostos de forma que elas se interajam com a paisagem local e se conecte com os passeios, áreas de vivência e atividades do núcleo, as nove edificações tem a capacidade de hospedar aproximadamente trinta pessoas, sendo este a média do número de visitantes, sendo três edificações do Tipo 1 como demonstrado na figura 19 e 20, que acomoda três pessoas, contendo hall, banheiro, quarto, banheiro e varanda.

Figura 19: Planta layout setor hospedagem tipo 1



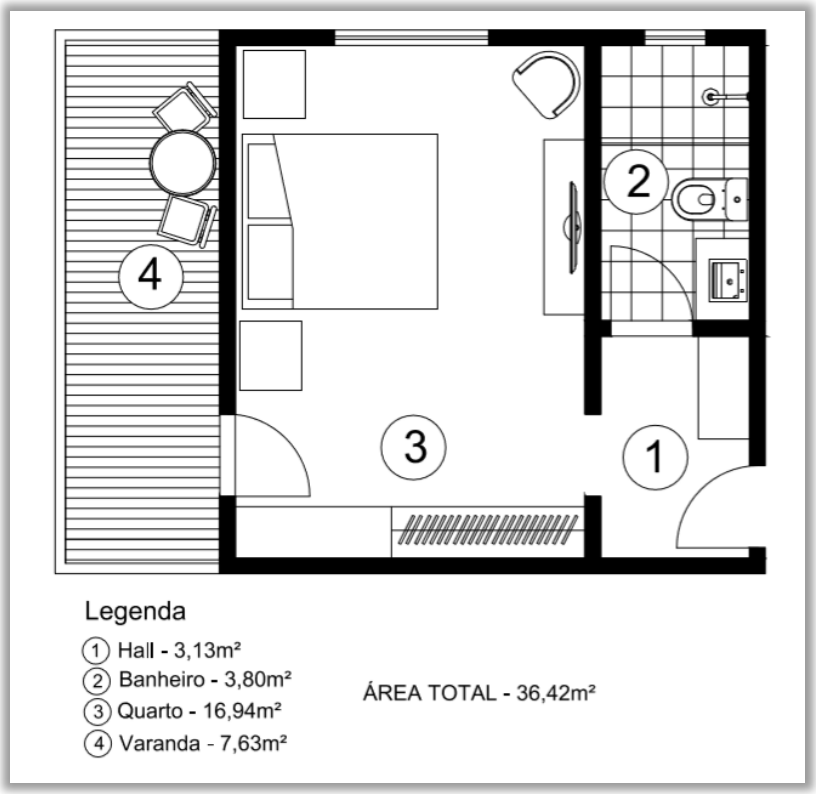
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 20: Ilustração - hospedagens

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Também contendo três edificações do Tipo 2 como demonstrado na figura 21, que acomoda duas pessoas, contendo hall, banheiro, quarto e varanda.

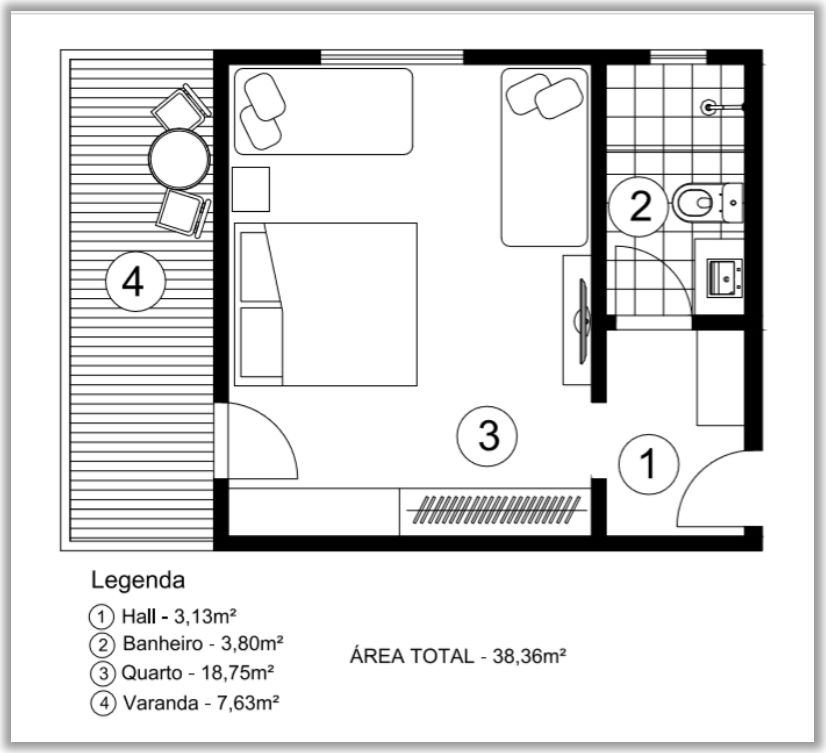
Figura 21: Planta layout - setor hospedagem tipo 2



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

E por último contendo três edificações do Tipo 3 como ilustrado na figura 22, que acomoda quatro pessoas, contendo hall, banheiro, quarto e varanda.

Figura 22: Planta layout - setor hospedagem tipo 3



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Todas integradas e conectadas por um paisagismo e vegetação adequados, conforme figura 23:

Figura 23: Ilustração – conjunto de hospedagens

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

O setor de serviço, dotado pelo Restaurante/Café (figura 24), encontra-se após o mercado e próximo às hospedagens, à implantação (em anexo) foi disposta da seguinte forma com o propósito de interligar todos os setores, de forma que elas se interajam com a paisagem local e se conecte com os passeios, áreas de vivência e atividades do núcleo.

Figura 24: Ilustração – Restaurante / Café

Fonte: Acervo pessoal, 2018

Devido ao grande fluxo de pessoas visitando e se inserindo na cultura foi necessária à implantação de um restaurante café, para atender a demanda, o espaço dispõe de duas áreas, uma interna e outra externa avarandada (figura 25), além disso, a edificação conta com uma cozinha industrial, despensa, sanitário, PNE, lavado dando todo suporte necessário para atender aos usuários.

Figura 25: Ilustração – vista varanda do restaurante

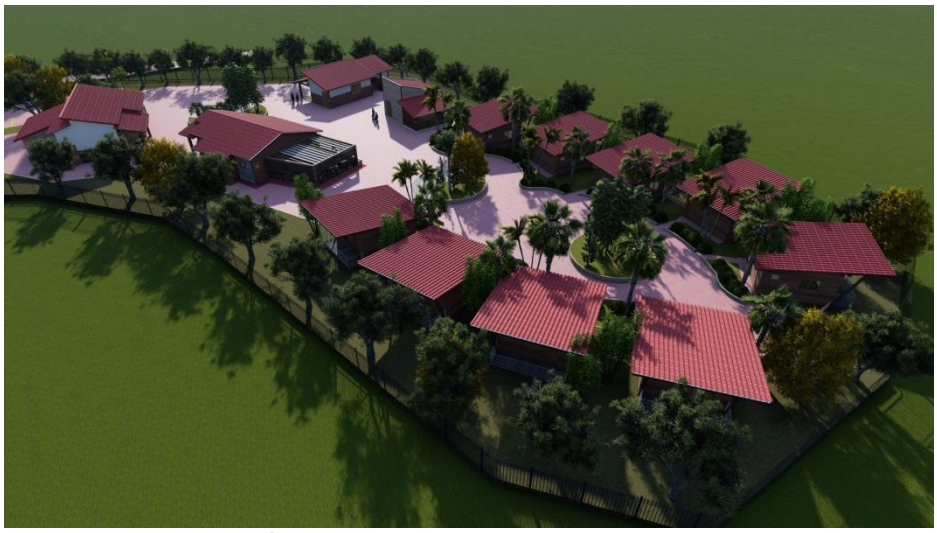
Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Conforme figuras 26 e 27, as formas, os materiais, paisagismo e as cores utilizadas em todos os espaços devem remeter à cultura e alegria do povo quilombola e à simplicidade da ruralidade presente na região, de modo a explicitar a intenção do espaço e, igualmente, ser um ambiente agradável ao público em geral.

Figura 26: Ilustração – conjunto de hospedagens e paisagismo

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 27: Ilustração – edificações e seu entorno



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa teve como intenção apresentar a importância da comunidade Quilombola São Pedro, e dar aos pequenos produtores rurais infraestrutura adequada para explorarem suas técnicas e práticas culturais, reduzindo o grau de esquecimento na memória dos demais moradores do Município, destacando o grau de contribuição do mesmo, em especial para a região rural. Foram relatadas as dificuldades e a falta de incentivo que esses pequenos produtores quilombolas se encontram na produção e comercialização dos produtos. O Núcleo Comunitário, no geral, é considerado a forma de valorização pessoal e cultural através do turismo, comércio e inserção cultural, gerando renda e emprego aos moradores locais. O recurso encontrado para solucionar os fatos apresentados foi elaborar este espaço compreendendo o que se considera necessário para melhorar o auxílio aos produtores rurais quilombolas. Foram eleitas várias diretrizes para conduzir a elaboração da proposta.

Desta forma, o trabalho procura fazer maior ligação do meio rural com a população urbana da região do Município de Ibiraçu e demais regiões do estado do Espírito Santo, com a possibilidade de valorizar a cultura, tradição e o trabalho dos pequenos produtores quilombolas, e dar mais visibilidade. A criação de um amplo local voltado a atividades culturais que integre e agregue valor ao espaço como um todo, através do fornecimento de ambientes que atendam todo o púbico e que seja satisfatório o relacionamento com toda a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência.** São Paulo: AORI, 2006. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/rafaelsanzio.pdf Acessado em 07Jul 2018.

ARRUTI, José Maurício: **Mocambo. Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

BELLE, Marina. "**Quilombo Mormaça – uma proposta projetual".** ano 2015 Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/819/1/BELL%C3%89_1.pdf Acessado em 07Jul 2018.

ESPIRITO SANTO, Maria Tereza G. "**Comunidades remanescentes de quilombos: Materialidades culturais na casa e na ocupação do território**. " Bahia, 2011. Disponível em >http://www.ppgau.ufba.br/urba11/ST1_COMUNIDADES_REMANESCENTES_DE_QUILOMBOS_MATERIALIDADES_CULTURAIS_NA_CASA_E_NA_OCUPACAO_DO_TERRITORIO.pdf. Acessado em 16 Mar 2018.

GEHL, Jan: "**Cidades para Pessoas**". Ed. Perspectiva. São Paulo, 2013.

GEHL, Jan: **Entrevista ao jornal "Um Brasil", "Arquiteto e urbanista dinamarquês critica o modelo modernista adotado na construção de cidades como Brasília".** São Paulo, 2017. Disponível emhttp://www.fecomercio.com.br/noticia/arquitetura-era-feita-priorizando-predios-nao-as-pessoas-diz-jan-gehl.Acessado em 15 Mar 2018.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias.** 2. Editora São Paulo: Cortez, 2008.

HAGERMAN, Óscar. **Conversa com o arquiteto e especialista em arquitetura comunitária, móveis, design participativo e conferencista do 13º Congresso**

Arquine. 19 maio de 2012. Disponível em >http://www.arquine.com/conferencistas/oscar-hagerman/. Acessado em 10 Mar 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 1990.

HOLMGREN, David. **Permaculture: principles&pathwaysbeyond**. Victoria, Austrália: Ed. Hepburn, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990 (4ª ed.).

MENEZES, Marluci. **Representações colectivas e reformulações sócio-espaciais no bairro da Madragoa. Sociedade e Território**, Lisboa: Afrontamento,1998.

PELLEGRINO, Pierre: 1981,1986 in MENEZES, Marluci. **"Do espaço ao lugar. Do lugar as remodelações sócio-espaciais".** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ANO 6, p.155-175, JUNHO, 2000. Disponível emhttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000000100008. Acessado em 16 Mar 2018.

MACHADO S. L., RODRIGUEZ C. J. S., AGUIAR A. S., BULHÕES D. B. e CARVALHO J. A. **Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Quilombola de São Pedro**, Ibiraçu – ES**,** Projeto Territórios Quilombolas do Espirito Santo INCRA/UFES/APAGEES, 2006.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Editora Vozes, 1990 (4ª ed.).

MOLLISON, Bill. **Permaculture, A Designer's Manual**. Tyalgum, Australia: Tagari Publications, 1999.

PRADO JR., Caio. **A Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **“Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?”.** In VELHO, Gilberto (org). Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.